

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA

**BENZEDORES DO LESTE DA ILHA DA SANTA CATARINA:  
RELAÇÕES SOCIAIS E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS  
PRÁTICAS DE BENZEDURAS**

Camila Fabiana da Silva

Florianópolis, 2018



CAMILA FABIANA DA SILVA

**BENZEDORES DO LESTE DA ILHA DA SANTA CATARINA: RELAÇÕES  
SOCIAIS E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS PRÁTICAS DE BENZEDURAS**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Licenciado em Ciências Biológicas.  
Orientador: Profa. Dra. Sofia Zank

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da  
UFSC.

Fabiana da Silva, Camila

Benzedores do leste da ilha de Santa Catarina: relações sociais e o uso de plantas medicinais nas práticas de benzeduras / Camila Fabiana da Silva ; orientador, Sofia Zank, 2018.

65 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Plantas medicinais. 3. Benzedoras. 4. Redes sociais. 5. Etnobotânica. I. Zank, Sofia . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Camila Fabiana da Silva

**BENZEDORES DO LESTE DA ILHA DA SANTA CATARINA: RELAÇÕES  
SOCIAIS E O USO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS PRÁTICAS DE BENZEDURAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para  
obtenção do Título de Licenciada em Ciências Biológicas e aprovada  
em sua forma final pelo Centro de Ciências Biológicas.

Florianópolis, 20 de novembro de 2018.

Prof. Dr. Carlos Roberto Zanetti  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sofia Zank  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natalia Hanazaki  
Universidade Federal de Santa Catarina

César Paulo Simionato  
Universidade Federal de Santa Catarina

*Dedico esse trabalho a todas  
as comunidades tradicionais brasileiras que,  
com muita resistência e resiliência,  
continuam sendo os principais agentes  
da identidade cultural do nosso país.*

## AGRADECIMENTOS

Como há tempo para todas as coisas, chegou o tempo de encerrar mais um ciclo da minha vida. Primeiramente sou grata ao meu mestre espiritual, Yeshua Hamashia, conhecido no ocidente como Jesus de Nazaré. A Ele devo gratidão por, através de suas mensagens, eu ter me tornado uma pessoa melhor e ter aprendido o quanto o amor e as relações com o próximo é o que nos faz felizes.

Agradeço aos meus pais, Roseli e Camilo, pelo dom da vida, pelo amor e toda preocupação. Agradeço a meu pai por ter me ensinado que o silêncio é a melhor resposta e a minha mãe que, mesmo em meio as lutas, sempre me amparou nos momentos mais difíceis e me ensinou a ser guerreira. A minha irmã Jacqueline, por ser uma das minhas maiores parceiras, que sempre acreditou em mim e nos meus sonhos e me deu um dos melhores presentes que eu poderia ter recebido na vida, meu sobrinho Tarek. À meu cunhado Waleid, que por várias vezes me socorreu em meio aos “apertos financeiros” que passei durante esses anos, e as boas risadas com sua mãe Lena e as deliciosas conversas sobre política e futebol com seu avô Aymbere, que adotei como meu avô também.

Agradeço a meu padrinho Reinaldo, o tio que me criou na adolescência e que nunca deixou a desejar no papel de pai que teve na minha vida. O homem que se absteve de tantas coisas para cuidar de mim, da minha irmã e da minha mãe. Meu tio Alexandre, por me ensinar a gostar de música, por me inspirar com sua história de vida e por puxar minha orelha como ninguém! Ao tio Ricardo por toda a alegria que passa para nossa família, sempre nos fazendo sorrir, e pelo exemplo de superação. Meu tio Orlando, pelas parcerias nas comidas, por ser sempre prestativo e carinhoso. Ao tio Carlos por nossas conversas “cabeças” que sempre me fortaleceram. À todas as minhas tias, esposas de meus tios, que fizeram nossa super família crescer mais... Tia Mariângela, tia Eliane, tia Joana, tia Lurdes e tia Sheila, todas vocês são especiais para mim e deixo apenas meu pedido de que nunca permitam que meus tios se afastem do convívio familiar, pois a família é a base da nossa vida. Não poderia deixar de mencionar a Léa...Tia Léa, você sempre será minha titia! E sobre os primos e primas que cresceram comigo? Vocês, sem exceção, são muito mais do que isso... Fazem parte da minha vida como irmãos (ãs)! Amo cada um de vocês imensuravelmente! Enfim, deixo meu enorme agradecimento a toda minha família por sempre serem meu porto seguro e o refúgio que sempre busquei para renovar minhas forças. Que possamos continuar sempre unidos!

Amigos... Dizem que os melhores dá para contar nos dedos das mãos. Felizmente, essa frase não se adequa a mim, pois os amigos chegados são tantos que tenho medo de citar nomes e esquecer alguém. Mas deixo aqui minha gratidão primeiramente aos meus amigos e amigas de São José dos Campos/SP, minha cidade natal. Como eu amo vocês... Obrigada por todos os momentos que vivemos, por toda força e tantas parcerias. Não poderia deixar de mencionar minha professora particular, a Célia Tejada, minha maior inspiração e exemplo de amor ao conhecimento. Obrigada por suas broncas carinhosas nas aulas de redação que me fizeram aprender a escrever um pouquinho melhor... Sobre os amigos de Florianópolis não poderia deixar de citar alguns nomes, pois são as pessoas que acompanharam de perto toda essa trajetória. Primeiramente a Rafaela, a primeira amiga que fiz nessa cidade. Rafa, obrigada por tudo! Pelas parcerias de tantos momentos, bons e ruins, que passamos. Aos cafés, dias de praia, malhação, conversas sobre o mundo acadêmico, sobre a vida, entre tantas outras coisas. Obrigada por ter me apresentado nosso querido amigo Emílio, amigo fiel e parceiro de todas as horas. A minha amiga e parceira Ramona. Sinto sua falta... À Fabi, minha companheira de aventuras e conversas sobre a vida ao som de um bom reggae e mpb. Fabiano e Regiana, o casal que me adotou como parte da família e me deu minhas duas irmãs, Maria Clara e Lulú. Obrigada. A Danielly que me ensinou a ser mais amável e dar mais risada das situações da vida. Aos casais Rodolfo e Raquel e Joaquim e Maria, que foram, com toda certeza, as pessoas que mais me ensinaram sobre o amor. Ao Vinícius e Felipe, os irmãos que estão juntos para o que der e vir. À Michelle, Ana Lúcia e Wanessa, companheiras de todas as horas e cúmplices de tantos sonhos. Obrigada minhas irmãs por serem tão fiéis e importantes na minha vida. Não tenho palavras para descrever o que representam para mim.

A todos os benzedores por toda disponibilidade e hospitalidade e pelos bons momentos que passamos juntos durante as entrevistas. À minha orientadora, Sofia Zank, por ter aberto a oportunidade para que eu pudesse conhecer mais o mundo da etnobotânica e das benzedadeiras. Ao Michael Lopes, colega da faculdade que foi o primeiro a me colocar em contato com o mundo das plantas medicinais e ao professor e membro da banca avaliadora César Paulo Simionato, que por tantos anos foi tão prestativo, disponível e inspirador no que diz respeito ao mundo das plantas medicinais. Obrigada César, por todo o conhecimento que você compartilhou comigo com tanto amor e atenção. À professora Natalia Hanazaki, por também ter aceitado participar da banca avaliadora e, por fim, a Universidade Federal de Santa Catarina, instituição que me proporcionou chegar onde cheguei e viver todas essas experiências! Obrigada a todos!

## RESUMO

A benzedura é uma prática da medicina popular brasileira realizada por benzedadeiras que fazem uso de orações e plantas medicinais para curar enfermidades físicas e doenças da alma. As benzeduras não ocorrem de forma isolada dentro da comunidade, mas as praticantes estão inseridas em uma rede de relações com outras benzedadeiras e com os usuários, onde ocorre fluxo de conhecimento sobre benzeduras e plantas medicinais, e onde se manifestam diferenças de influência dentro da comunidade. O presente estudo teve como objetivo investigar o uso de plantas medicinais na prática da benzedura na região leste da ilha de Santa Catarina, além de analisar as relações de troca de informações entre as benzedadeiras e suas percepções sobre mudanças nas práticas e a utilização de plantas medicinais. Foram entrevistados 11 benzedadeiras, que tratam 35 doenças e males através de rezas e utilizam 31 espécies de plantas medicinais para o tratamento destas doenças. As plantas mais citadas foram a *Ruta graveolens* L. (arruda), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Citrus* sp. (laranjeira), *Petiveria alliacea* L. (guiné). Foi possível observar que as plantas citadas são de uso bastante comum, sendo cultivadas em seus quintais. Isso mostra o importante papel das benzedadeiras na manutenção dos conhecimentos sobre as plantas medicinais. Foram identificados dois grupos distintos de benzedadeiras: um de benzedadeiras de tradição e um de benzedadeiras de religião. O número de benzedadeiras de tradição da região leste da ilha de Florianópolis pode estar diminuindo devido a fatores que influenciam na transmissão dos conhecimentos. Ao mesmo tempo está surgindo uma nova geração de benzedadeiras de religião, que são formadas através de cursos de benzeduras relacionados à fé que praticam. No entanto, a fragilidade na transmissão dos saberes das benzedadeiras pode acarretar na perda de informações importantes sobre os conhecimentos das rezas e das plantas medicinais. Sendo assim, seria importante a organização social das benzedadeiras do município de Florianópolis de forma que possam buscar o fortalecimento da cultura das benzeduras e a garantia do direito de realizarem suas práticas tradicionais de cura, além de assegurar a preservação e continuidade desses grupos tradicionais.

**Palavras-chave:** Plantas Medicinais, Benzedadeiras, Redes sociais, Etnobotânica.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ocupação profissional das benzedadeiras do leste da ilha de Florianópolis/SC. ....	24
Figura 2. Local onde as benzeduras são realizadas pelas benzedadeiras do leste da ilha de Florianópolis/SC.....	30
Figura 3. Citação das famílias botânicas utilizadas em rezas, chás e banhos pelas benzedadeiras do leste da ilha da Florianópolis/SC.....	32
Figura 4. Citação das formas de utilização das plantas medicinais pelas benzedadeiras de tradição e pelas benzedadeiras de religião no leste da Ilha de Florianópolis/SC.....	36
Figura 5. Citação das benzedadeiras de tradição e de religião das partes de plantas medicinais utilizadas para chás, banhos e rezas.....	37
Figura 6. Espaços domésticos para plantio de plantas pelas benzedadeiras do leste da ilha de Florianópolis/SC.....	38
Figura 7. Citação das benzedadeiras de tradição e de religião dos lugares onde obtém as plantas medicinais que utilizam.....	39
Figura 8. Transmissão do conhecimento sobre as benzeduras pelas benzedadeiras do leste da ilha de Florianópolis/SC.....	43
Figura 9. Sociograma de benzedadeiras do leste da Ilha de Florianópolis.....	47
Figura 10. Sociograma das benzedadeiras do leste da Ilha de Florianópolis representando a troca de aprendizado e da reciprocidade de benzeduras.....	49

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Informações sociais das benzedadeiras do leste da ilha de Florianópolis/SC.....	23
Tabela 2. Doenças e males tratados por benzeduras na região leste da ilha de Florianópolis/SC.....	25
Tabela 3. Identificação botânica das espécies de plantas medicinais que são mais utilizadas na prática das benzeduras pelas 11 benzedadeiras do leste da ilha de Florianópolis/SC, com a descrição das doenças/males tratadas, partes utilizadas e citações de cada uma. ....	33

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>17</b>
2.1 OBJETIVO GERAL.....	17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	17
<b>3. MÉTODOS.....</b>	<b>18</b>
3.1 ÁREA DE ESTUDO .....	18
3.2 COLETA DE DADOS .....	19
3.3 ANÁLISE DE DADOS .....	21
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>22</b>
4.1 OS BENZEDORES DO LESTE DA ILHA DE SANTA CATARINA.....	22
4.2 DOENÇAS TRATADAS POR BENZEDURAS.....	24
4.3 QUEM PROCURA AS BENZEDEIRAS E ONDE BENZEM? .....	29
4.4 PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELAS BENZEDEIRAS .....	32
4.5 PERCEPÇÕES SOBRE MUDANÇAS NA PRÁTICA DAS BENZEDURAS .....	39
4.6 PERCEPÇÕES SOBRE MUDANÇAS NA UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS.....	40
4.7 APRENDIZAGEM.....	41
4.8 REDES SOCIAIS NA APRENDIZAGEM E RECIPROCIDADE .....	45
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>6. DEVOLUTIVAS DO PROJETO .....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A benzedura é uma prática da medicina popular brasileira realizada por benzedores ou benzedoras que fazem uso de orações, simpatias, objetos e plantas medicinais para curar enfermidades físicas e doenças da alma (MACIEL & NETO, 2006; SOUZA, 2003), sendo a fé, segundo elas, o fator indispensável para que as benzeduras sejam eficazes (MAGALHÃES, 2004). No Brasil, as práticas de benzeduras iniciaram-se por volta do século XVII (MACIEL & NETO, 2006) e são caracterizadas por um sincretismo religioso devido à mistura das religiões católica, indígena, espírita e de matrizes africanas, como a umbanda e o candomblé (PEREIRA & CARDOSO, 2016; GELESKI, 2014; BOING & STANCIK, 2013; OLIVEIRA & TROVÃO, 2009).

Acredita-se que essas práticas foram se desenvolvendo durante um período quando a medicina moderna não era acessível a todos e apenas uma pequena parte da população tinha condições financeiras para custear os gastos médicos (DIAS, 2013). Além disso, o difícil acesso aos centros urbanos também impedia a locomoção de muitas pessoas até os locais de atendimento médico e, com isso, grande parte da população acabava recorrendo a formas alternativas de cura buscando auxílio nos benzedores e, muitas vezes, procurando os médicos somente em últimos casos, quando os benzedores não conseguiam resolver o problema (GELESKI, 2014). Outro estudo diz que a procura pelos benzedores não estava diretamente relacionada à falta de acesso a médicos e ao centro da cidade, mas na crença na origem sobrenatural das doenças, que estariam relacionadas ao pecado, feitiços, bruxarias e maus olhados (BOING & STANCIK, 2013). As pessoas supostamente acometidas desses males procuravam os benzedores para neutralizar esses problemas, pois acreditavam que estes eram detentores de um dom de cura que os permitia intervir no sobrenatural através de suas orações e da utilização de ervas, anulando essas doenças físicas e espirituais (SOARES, 2001).

Os benzedores estão presentes tanto nas áreas rurais mais afastadas (ZANK E HANAZAKI, 2016; GELESKI, 2014) como também nos centros urbanos (SOARES, 2001) e são procurados para tratar de problemas que podem ser físicos, como dor de cabeça de sol e constipação, ou doenças culturais, como "quebrante" e "arca caída" (ZANK E HANAZAKI, 2016). Em geral, não realizam propaganda de seus atendimentos e sua popularidade se dá através da comunicação entre os membros da comunidade que, ao obterem bons resultados na benzedura com determinado benzedor, o indica para outras pessoas (GELESKI, 2014).

A transmissão dos conhecimentos tradicionais pode ser distinguida em três principais formas: 1) transmissão vertical, onde as informações são trocadas entre membros de diferentes gerações e que mantém relação de parentesco, 2) transmissão horizontal, onde as informações são transmitidas entre indivíduos da mesma geração e, 3) transmissão oblíqua, onde a informação é trocada por indivíduos de gerações diferentes, mas que não possuem relação de parentesco (CAVALLI-SFORZA *et al.* 1982). Além destas formas de transmissão, muitos benzedores relatam ter aprendido benzeduras através de uma experiência espiritual, como uma visão ou uma revelação sobrenatural, na qual teria sido revelada por uma divindade ou um espírito (SOUZA, 2003). Independente de como aprenderam, os benzedores acreditam que esta prática é um dom divino e que deve ser utilizado gratuitamente apenas para proporcionar o bem das pessoas (DIAS, 2013).

Uma questão interessante de se considerar em relação à prática das benzeduras é que elas não ocorrem de forma isolada dentro da comunidade, mas os praticantes estão inseridos em uma rede de relações com outros benzedores e com os usuários, na qual ocorre fluxo de conhecimento, recursos, ações de reciprocidade, e onde se manifestam diferenças de influência e de poder (ZANK & HANAZAKI, 2016). Muitas rezas e informações sobre plantas medicinais são compartilhadas entre os benzedores, que foram realizando as trocas de conhecimento ao longo do tempo e permitindo a transmissão dessa sabedoria de geração em geração, perpetuando a cultura das benzeduras (GELESKI, 2014). Por outro lado, é comum a especialização em determinadas benzeduras nas quais cada benzedor possui mais prática em determinadas rezas do que em outras e normalmente são conhecidos e procurados, tanto entre os próprios benzedores como pela comunidade, pelas benzeduras que realizam (DIAS, 2013).

Os benzedores também possuem um vasto conhecimento sobre a utilização de plantas medicinais (ZANK & HANAZAKI, 2016; ÁVILA, 2012; AMOROZO, 1999), que são empregadas em massagens, chás e remédios caseiros (SOUZA, 2003; OLIVEIRA, 1985). O conhecimento das plantas medicinais por essas pessoas vem do saber popular transmitido oralmente ao longo de várias gerações (HOFFMAN-HOROCHOVSKI, 2012), permitindo a utilização desses saberes em favor de sua família e da comunidade local, contribuindo para a manutenção e transmissão destas informações (ZANK & HANAZAKI, 2016; ÁVILA, 2012; ZANK & HANAZAKI, 2012; AMOROZO, 1999). Além do conhecimento das propriedades medicinais de muitas plantas, muitos benzedores também acreditam no seu poder espiritual (DIAS, 2009) utilizando diversas espécies em suas benzeduras crendo que juntas exercem maior poder de cura aos doentes (FONSECA-KRUEL & PEIXOTO, 2004).

Por muitos anos os benzedores sofreram intenso preconceito e repressão. Com o desenvolvimento da medicina a partir do início do século XV, a ciência começa a se sobrepor à religião iniciando a partir de então um controle sobre as práticas alternativas de cura, excluindo-as juntamente com as pessoas que as praticavam (BOING & STANCIK, 2013). Esses métodos de cura tradicionais, que utilizavam rezas e plantas medicinais, por não terem embasamento científico, não eram considerados confiáveis e suas práticas não eram autorizadas pela ciência moderna (BOING & STANCIK, 2013).

Apesar de toda desvalorização e preconceito associada a esta prática, esta se manteve ao longo dos séculos e percebe-se um processo de valorização dos benzedores nas últimas décadas, através da sua inclusão na luta por reconhecimento e acesso aos direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais. Uma iniciativa de sucesso que vem sendo bastante divulgada é a criação do Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA) no estado do Paraná que, a partir de um encontro de benzedores realizado em 2008 na cidade de Irati, Centro-Sul do Paraná, desenvolveu uma pesquisa de mapeamento social dos benzedores. O grupo se uniu para reivindicar seus direitos como povos tradicionais e, a partir de então, as práticas de benzeduras nos municípios de Rebouças e São João do Triunfo (PR) passaram a ser aceitas formalmente através da lei municipal 1.401/2010 (ALMEIDA, 2012). Os benzedores passaram a ser reconhecidos como detentores de ofícios tradicionais de cura popular sendo permitido, a partir de então, a realização das práticas tradicionais de cura no sistema formal de saúde.

No município de Florianópolis a benzedura ainda é bastante praticada e comum na ilha (GELESKI, 2014; DIAS, 2013). Porém, os benzedores ainda passam por situações de preconceito, além de se depararem com problemáticas atuais que podem interferir na continuidade da cultura das benzeduras. Dentre eles está o rápido crescimento e urbanização da cidade, afastando cada vez mais as pessoas da cultura interiorana; e o desenvolvimento da medicina, que tem feito com que a população, na grande maioria das vezes, busque sanar seus problemas de saúde através medicina moderna. Além disso, a falta de interesse das novas gerações em aprender essas práticas também tem sido um possível impedimento para a transmissão e continuidade dessa cultura tradicional, isso porque ser um benzedor exige responsabilidade e comprometimento, além de não trazer retorno financeiro (HOFFMAN-HOROCHOVSKI, 2012). Em decorrência desses problemas, o número de benzedores em Florianópolis pode estar diminuindo, mas não existem estudos que mapeiem, ou estimem, o número de benzedores no município.

Uma das regiões mais antigas da ilha, a região leste, que abrange os distritos Lagoa da Conceição, Barra da Lagoa e São João do Rio Vermelho, é conhecida pela certa facilidade que ainda há em se encontrar benzedores. Segundo Dias (2013), em Florianópolis ainda é relativamente fácil encontrar benzedoras em regiões como Canto da Lagoa, Costa da Lagoa e Barra da Lagoa e, normalmente, basta perguntar a moradores mais antigos sobre a localização deles que muitos saberão informar. É possível perceber, então, que nessa região ainda existem benzedores atuantes que atendem a comunidade, tanto realizando benzeduras quanto fazendo indicações de plantas medicinais. Desta forma, é importante investigar a prática da benzedura no âmbito do uso de plantas medicinais e das relações sociais e de transmissão de conhecimentos, pois são fatores que influenciam a manutenção destas práticas e dos saberes associados.

## 2. OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

O presente estudo teve como objetivo investigar o uso de plantas medicinais nas práticas da benzedura na região leste da Ilha de Santa Catarina, além de analisar as relações de troca de informações entre os benzedores.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar quais os tipos de doenças tratadas com benzeduras, e quais delas utilizam plantas medicinais;
- Levantar informações sobre as plantas medicinais utilizadas na prática das benzeduras (parte da planta, forma de obtenção, forma de uso);
- Realizar a análise de redes sociais de forma a identificar as relações de reciprocidade e de troca de informações sobre rezas e plantas utilizadas entre os benzedores.

### 3. MÉTODOS

#### 3.1 ÁREA DE ESTUDO

O município de Florianópolis (27° 35' 48" S e 48° 32' 57" W) está localizado no estado de Santa Catarina, região sul do Brasil. Sua área abrange cerca de 675,409 km<sup>2</sup> e sua população atual encontra-se em torno de 421.240 habitantes (IBGE, 2010).

A cidade é dividida em 5 regiões (continental, central, norte, sul e leste), 12 distritos e 48 bairros. A região leste, situada na ilha de Santa Catarina, possui cerca de 23.287 habitantes (IBGE, 2010) e abrange os distritos Lagoa da Conceição, onde se localizam os bairros Lagoa, Ponta das Almas, Canto dos Araçás, Canto da Lagoa, Costa da Lagoa, Retiro e Joaquina; Fortaleza da Barra da Lagoa; Barra da Lagoa e São João do Rio Vermelho.

A cobertura vegetal da região é caracterizada por vegetação litorânea, composta por restinga, que se estende por todo o litoral catarinense (CINTRÓN & SCHAEFFER-NOVELLI, 1983), dunas e manguezais; e Floresta Ombrófila Densa. A vegetação predominante é a restinga, que varia desde espécies herbáceas até arbustivas e arbóreas (WAECHTER, 1985).

A comunidade local possui fortes características da cultura açoriana, que começou a surgir no século XVIII com a colonização europeia (CALDAS FILHO, 1985). O bairro Lagoa da Conceição foi um dos primeiros locais onde se instalaram as primeiras comunidades de imigrantes açorianos e ainda é possível encontrar mulheres que produzem rendas de bilro, de tradição açoriana (PMF, 2018). As principais atividades de subsistência nesta época eram a agricultura e a pesca. Porém, com o rápido crescimento da cidade a partir do século XX, o município passou a ter sua economia baseada na prestação de serviços públicos, no comércio, na indústria de transformação e no turismo, que tem atraído turistas do mundo todo devido à suas belezas naturais como praias, lagoas, dunas e morros (PMF, 2018).

Apesar de toda a modernização da cidade as práticas das benzeduras ainda fazem parte da cultura popular (GELESKI, 2014), principalmente nas regiões inicialmente colonizadas pelos povos açorianos, como na Lagoa da Conceição. Com isso, a região leste da ilha de Santa Catarina foi o local de pesquisa deste projeto, sendo escolhida pelo fato de ser uma das regiões que mais se ouve falar sobre a história e a presença de benzedores, sendo uma região supostamente fácil de encontrá-los, visto que são bastante conhecidos pelos moradores da comunidade, como mencionado por Dias (2013).

### 3.2 COLETA DE DADOS

A execução do projeto foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH) através do número: 82427718.0.0000.0121 de 18/06/2018 (anexo 1). Os objetivos da pesquisa foram esclarecidos a todos os participantes e foi solicitada a assinatura de cada um deles do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (anexo 2).

A identificação dos benzedores presentes em cada um dos bairros da região leste da Ilha de Santa Catarina foi realizada através da metodologia “bola de neve” (BIERNACKI & WALDORF, 1981). Esse método consiste em identificar os participantes da pesquisa através de indicações iniciais nas quais as pessoas indicadas acabarão por fornecer novos contatos, aumentando o quadro de amostragem, e assim sucessivamente até que não haja mais novas indicações.

A identificação inicial foi dada pelo médico do Serviço de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina César Paulo Simionato. Além de já ter trabalhado em postos de saúde da região onde a pesquisa foi realizada, como no bairro Costa da Lagoa, é colaborador no Horto Didático de Plantas Medicinais do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina. Neste local, o médico ministra aulas sobre plantas medicinais para alunos da universidade, além de oferecer cursos, oficinas e palestras para a comunidade em geral. Além disso, o médico também realiza trabalhos voltados ao estudo das plantas medicinais em diversos locais da cidade de Florianópolis e, também, em outros municípios do estado de Santa Catarina.

Desta forma, cada benzedor entrevistado foi estimulado a indicar o nome de outros benzedores da região que, ao serem entrevistados, indicaram outros até que não houve mais indicações. Também ocorreram indicações através de moradores da região que, ao ser perguntado se conhecia determinado benzedor, acabaram por indicar outros. Uma dessas indicações foi a de uma benzedora moradora do bairro Rio Vermelho que ministra cursos de técnicas de benzeduras, demonstrando que existe uma categoria de benzedores que são os que começam a benzer após a realização de cursos. Através desta benzedora outros benzedores que aprenderam rezas em cursos foram identificados. Com isso, a amostragem de estudos deste trabalho abrangeu dois grupos que, para melhor compreensão, serão classificados como proposto por Gill, 2010: 1) Benzedores de tradição, que diz respeito aos benzedores mais antigos e que, em geral, aprenderam as benzeduras através de familiares, amigos e/ou

vizinhos, e 2) Benzedores de religião, que diz respeito aos benzedores que aprenderam técnicas de benzeduras através da realização de cursos. É importante ressaltar que, apesar de terem aprendido técnicas de benzeduras em um curso, todos esses benzedores já tinham uma relação com as benzeduras relatando algum tipo de contato com outros benzedores e as práticas em algum momento da vida.

Para a coleta de informações foi utilizado entrevistas semi-estruturadas (anexos 3 e 4), lista-livre de plantas (anexo 5) e a coleta botânica das plantas citadas. Cada benzedor identificado foi convidado a participar de duas entrevistas, que foram realizadas no período de 06 de julho de 2018 a 17 de agosto de 2018.

Na primeira entrevista foi aplicado um roteiro com perguntas sobre dados socioeconômicos (anexo 3), sobre os tipos de doenças que são tratadas com as benzeduras (anexo 4), os tipos de rezas que os benzedores utilizam plantas (anexo 5), as espécies utilizadas para cada caso, forma como as plantas são utilizadas e onde são obtidas. Ao final de cada entrevista, os benzedores que autorizaram foram fotografados. As fotografias foram editadas em Power Point (Microsoft Office) no computador de modo que a imagem de cada um dos benzedores ficasse lado a lado e com os seus respectivos nomes. Este arquivo foi impresso e utilizado como parte do material elaborado para a segunda entrevista.

Na segunda entrevista foram coletadas informações sobre redes sociais entre os benzedores (anexo 6). Primeiramente, as fotos foram mostradas para o benzedor entrevistado de modo que ele dissesse quais benzedores das imagens ele conhecia. Em cada entrevista foi realizada uma abordagem dinâmica de forma a identificar: 1) quais dos benzedores das fotos o benzedor entrevistado conhecia; 2) se já trocaram informações sobre as rezas, tanto ensinando quanto aprendendo com algum benzedor; 3) a reciprocidade em relação às benzeduras (quem o benzedor procura para ser benzido ou para levar uma pessoa de sua família); 4) se já trocou conhecimentos sobre as plantas medicinais. Benzedores já falecidos que foram citados pelos entrevistados também foram incluídos na análise de redes sociais. Para as duas entrevistas foi utilizado, também, um gravador de voz, quando autorizado pelo benzedor. As gravações foram utilizadas apenas para conferência de informações sobre os questionários aplicados sendo, em seguida, apagadas. Deste modo, o registro das informações obtidas puderam ser realizados de forma fidedigna e, ao mesmo tempo, garantir o sigilo e a privacidade dos benzedores.

Através de procedimentos padrões para coletas etnobotânicas (CUNNINGHAM, 2001) as plantas citadas, quando disponíveis no quintal dos benzedores, foram coletadas para identificação e foi montada exsicata de cada uma delas.

### 3.3 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram organizados em planilhas no Excel (Microsoft Office) e as análises foram realizadas através de estatística descritiva. Para realizar a análise de rede foram considerados atores ou elos as pessoas que estabelecem relações entre si, e os arcos são as linhas que representam cada relação. Foi utilizado o software Pajek por meio do qual foi calculado o grau de centralidade para cada ator, que corresponde ao número de contatos imediatos que um ator tem em uma determinada rede (PRELL, 2011). O cálculo de centralidade traz a ideia de popularidade (PRELL & BODIN, 2011; MARTELETO, 2001).

As exsicatas das plantas coletadas foram levadas para o laboratório do Horto Didático de Plantas Medicinais do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina. Através de bibliografias específicas e, também, com o auxílio do médico César Paulo Simionato, as plantas foram identificadas e listadas. As exsicatas serão enviadas para armazenamento no herbário FLOR ou no Herbário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

As plantas medicinais que não foram coletadas foram listadas de acordo com seu nome popular e a identificação de cada uma delas foi dada através da comparação com outros trabalhos que mencionam estes nomes como sendo os mais utilizados na região (SJABELSKI, 2013; LORENZI & MATOS, 2008). Também foi consultado o site do Horto Medicinal de Plantas Medicinais do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina onde, através do nome popular, é possível consultar as descrições relacionadas à espécie, como nome científico, formas de uso, indicações, contraindicações, composição química, dentro outros. Após o levantamento dos nomes científicos de cada planta, estes e suas respectivas famílias botânicas foram confirmadas na base de dados REFLORE (2018), do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ).

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 OS BENZEDORES DO LESTE DA ILHA DE SANTA CATARINA

Foram identificados 15 benzedores na região leste da ilha de Santa Catarina. Dos 15 benzedores, 11 aceitaram ser entrevistados na primeira entrevista. Dos 04 benzedores que não participaram, 02 foram por motivos relacionados a problemas de saúde, 01 por estar em viagem e 01 por não ter interesse em participar da pesquisa. Na segunda entrevista foram entrevistados 09 benzedores. Dois dos entrevistados que participaram da primeira entrevista não puderam colaborar com a segunda por indisponibilidade de tempo.

Os benzedores entrevistados são, na grande maioria, naturais do município de Florianópolis (07), sendo os demais dos municípios do Paraná (03) e de São Paulo (01) (tabela 1). Oito benzedores residem no bairro Rio Vermelho, um na Barra da Lagoa, um na Lagoa da Conceição e um na Costa da Lagoa. Cinco benzedores são de tradição e seis de religião, sendo que todos de religião residem no Rio Vermelho (tabela 1).

No total, 10 pessoas entrevistadas são do gênero feminino e 1 do gênero masculino, denotando as benzeduras como uma prática realizada comumente, mas não exclusivamente, por mulheres (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2012). O fato da maioria dos benzedores serem mulheres pode ser resultado de uma divisão histórica de trabalho onde os maridos normalmente trabalhavam fora de casa e as mulheres eram mais dedicadas aos afazeres domésticos e à família, levando-as a ter maior contato com as práticas de cuidado e espiritualidade (GILL, 2010). Além disso, conforme mencionado por Gomes e Pereira (1989), a mulher tem forte presença no mundo das crenças, pois são elas que possuem o conhecimento das palavras e gestos que são capazes de expulsar o mal. Apesar de ser registrado um benzedor, optou-se utilizar, a partir daqui, a expressão benzedoras devido ser mais comum encontrar mulheres que realizam as práticas.

A maior parte das benzedoras possui idade acima dos 60 anos (54,5%) (tabela 1), evidenciando a influência das mulheres mais velhas na prática das benzeduras, como já observados em outros estudos (GELESKI, 2014; BOING & STANCIK, 2013; ZANK & HANAZAKI, 2012; MOURA, 2011; MACIEL & NETO, 2006; OLIVEIRA & TROVÃO, 2009; OLIVEIRA, 1985). As demais benzedoras possuem idade em torno de 30 a 59 anos (36,4%) e embora a prática das benzeduras seja normalmente caracterizada por mulheres mais

velhas, foi registrado, também, uma benzedeira do gênero feminino com 19 anos de idade (tabela 1).

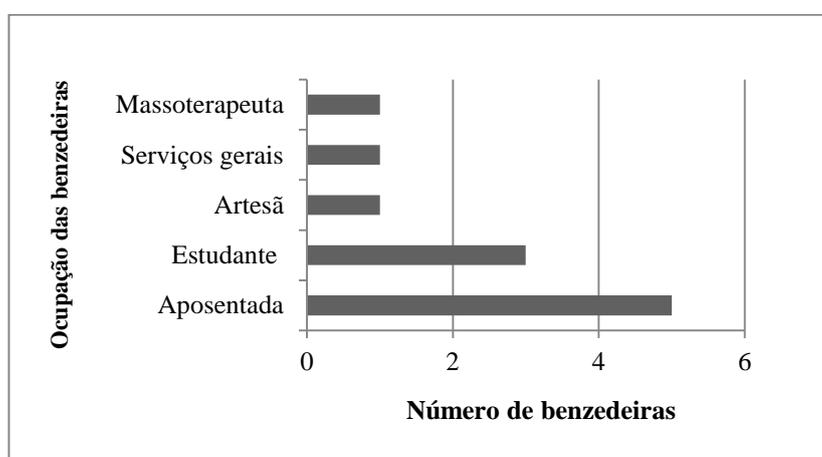
Todas as benzedeiros de tradição declararam ser praticantes da religião católica e uma delas declarou, ainda, frequentar um centro espírita. Por outro lado, todas as benzedeiros de religião declararam ser umbandistas (tabela 1). As benzedeiros dos dois grupos costumam ser devotas de santos do catolicismo, normalmente tendo imagens em suas casas e, algumas delas, utensílios para usos espirituais, como medalhas de santos e crucifixos. Isto confirma a existência de um sincretismo religioso na prática das benzeduras devido à mistura das religiões católica, umbanda e espírita, já demonstrados em outros estudos (PEREIRA & CARDOSO, 2016; GELESKI, 2014; BOING & STANCIK, 2013; OLIVEIRA & TROVÃO, 2009).

Tabela 1. Informações sociais das benzedeiros do leste da ilha de Florianópolis/SC.

Dados pessoais	Número total de benzedeiros	Número de benzedeiros de tradição	Número de benzedeiros de religião
Entrevistados	11	05	06
Participantes na primeira entrevista	11	05	06
Participantes da segunda entrevista	09	05	04
Idade			
18-29 anos	01	-	01
30-59 anos	04	-	04
Mais de 60 anos	06	05	01
Gênero			
Feminino	10	05	05
Masculino	01	-	01
Bairro			
Rio Vermelho	08	02	06
Barra da Lagoa	01	01	-
Costa da Lagoa	01	01	-
Lagoa da Conceição	01	01	-
Religião			
Católico	05	05	-
Umbandista	06	-	06
Naturalidade			
Santa Catarina (Florianópolis)	07	05	02
Paraná	03	-	03
São Paulo	01	-	01

Em relação à ocupação das benzedadeiras, verificou-se que todas as benzedadeiras de tradição são aposentadas e isto está certamente relacionado com a idade destas pessoas que possuem mais de 60 anos de idade. As benzedadeiras de religião declararam ser estudantes (02 universitários e 01 do ensino médio), artesã, massoterapeuta e trabalhadora de serviços gerais (figura 1). A idade, grau de instrução ou profissão dessas pessoas não interferem no seu trabalho como benzedadeiras, também relatado em estudo realizado em Olinda, Paraíba (JESUS *et al*, 2016).

Figura 1. Ocupação profissional das benzedadeiras do leste da ilha de Florianópolis/SC (n=11).



#### 4.2 DOENÇAS TRATADAS POR BENZEDURAS

Foram citadas 35 rezas utilizadas para tratar doenças e males e a descrição de cada uma delas foi compilada a partir das explicações das próprias benzedadeiras (tabela 2). Elas também mencionaram que, além das rezas, utilizam outros recursos como plantas e objetos de uso comum do dia a dia, como pano, agulha, azeite, correntes, roupas, fotos, fitas, crucifixo, vidro, algodão, sapato e lã de carneiro (tabela 2). Foi registrada, também, a utilização de massagens para alguns casos (tabela 2).

Tabela 2. Doenças e males tratados por benzeduras na região leste da ilha de Florianópolis/SC. A descrição das doenças/males foi compilada a partir das explicações das próprias benzeduras.

Doenças/males	Descrição segundo as benzeduras	Recursos utilizados nas benzeduras	Nº de citações (n=11)		
			Benzeduras de tradição	Benzeduras de religião	Total
Quebrante Mal olhado	Quando uma pessoa sente inveja de alguém e deseja ser como ela ou ter o que ela tem. A vida da pessoa invejada não anda. Em crianças, o quebrante pode causar tristeza, falta de apetite e levar à desnutrição, podendo causar morte. O quebrante também pode acontecer em animais, onde um animal forte e saudável pode ser invejado por alguém, levando o animal a ficar doente e com sintomas parecidos com o quebrante em crianças.	planta e crucifixo	5	4	9
Zipra Erizipela Zipela e Zipelão	Problemas nas pernas (do joelho para baixo) causada por ferimentos ocorrendo inflamação, vermelhidão e dores. Pode ser inflamação (também chamada de pisadura) por dentro da pele, batida em qualquer lugar do corpo. Pode dar frio ou calor.	planta, óleo de oliva, algodão ou lã de carneiro	5	2	7
Carne quebrada Cosê Costura Osso rendido	Quebra de algum osso do corpo ou quando ocorre a torção de alguma parte do corpo, como do pé ou da mão, que causa luxação, inchaço, dor muscular ou inflamação de algum nervo. Também caracterizado por cortes e ferimentos.	pano, agulha e azeite	2	2	4
Cobreiro	Uma alergia específica causada por insetos que passam pela pele da pessoa ou por sua roupa. Ocorre uma espécie de micose caracterizada por manchas brancas na pele que formam pequenas bolhas de água. Acredita-se que os médicos não conseguem curar este tipo de doença.	planta e corrente de São Pedro	-	3	3

Espinhela caída Arca caída	Deslocamento das costelas que ocorre principalmente em crianças. Dependendo do jeito que a pessoa pega a criança ocorre um deslocamento da costela, causando dores nas costas, dores no peito e dificuldades para respirar.	massagem	1	2	3
Conjuro de roupas	Problemas em geral como tristeza, pessoa rebelde, desanimada, depressiva, falta de emprego. Reza-se sobre um objeto pessoal da pessoa, como foto ou peça de roupa.	peças de roupas, fotos	-	2	2
Sol na cabeça Insolação	Dor de cabeça causa por exposição excessiva ao sol. Insolação.	vidro com água e pano	1	1	2
Susto	Quando a pessoa leva um susto e fica "assustada". Pode acontecer tanto com adulto quanto com crianças, mas é mais comum em crianças. Ela não consegue dormir e pode ter diarreias e vômitos.	sapato esquerdo da criança	2	1	2
Abrir caminho	Qualquer problema que a pessoa tenha na vida que necessite que seus caminhos "sejam abertos".	planta	-	1	1
Amarelão	Doença causada por vermes que causa diarreia, dores de barriga e deixa a pele amarelada.	planta	-	1	1
Auxílio à distância	É um benzedura utilizada para qualquer tipo de problema onde a pessoa não possa estar presente para ser benzida. A pessoa é benzida à distância, ou seja, a benzedeira faz a reza de sua casa e/ou lugar de oração.	planta	-	1	1
Bicheira em animais	Feridas em animais causadas por parasitas.	-	-	1	1
Bucho virado	Quando se vira a criança de ponta cabeça e ela passa mal (tonturas, vômitos).	-	-	1	1
Caxumba	Doença que surge atrás da orelha. Ocorre inflamação e a pessoa sente febre, dores e falta de apetite. Mais comum em crianças.	planta	1	-	1
Comércio	Prosperidade no comércio, reza para pessoa pensar positivo em relação ao negócio.	-	-	1	1
Constipação	Prisão de ventre.	planta	-	1	1
Cravo	Verrugas que surgem pelo corpo.	-	1	-	1

De chão	Benedura feita para prosperar a vida da pessoa.	-	-	1	1
Dor de barriga	Dor de barriga em geral que pode ser causada por má digestão ou gases.	planta	-	1	1
Dor de cabeça	Dores de cabeça em geral	-	-	1	1
Dores localizadas	Dores localizadas em geral	planta	-	1	1
Embruxado	Doenças causadas por ataque de bruxas, principalmente a crianças. A bruxa morde a língua da criança, sugando suas energias. A criança fica fraca, não come e não dorme direito. O ataque também pode ser causado devido a mal olhado, olho gordo ou inveja.	planta	1	-	1
Febre	Febre causada por diversos motivos, como gripes fortes.	planta	-	1	1
Ferida brava	Feridas que dá em pessoas com diabetes.	reza	-	1	1
Herpes	Infecção que afeta os lábios da pessoa formando feridas. Ocorre principalmente em adultos.	limão	-	1	1
Infecção	Infecções em geral. Benedura para ajudar a curar qualquer tipo de infecção.	planta	-	1	1
Inflamação	Inflamações em geral. Benedura para ajudar a curar qualquer tipo de inflamação.	planta	-	1	1
Limpeza energética	Limpeza do campo energético da criança com febre ou constipação. Acredita-se que estes problemas são ocasionados devido à poluição do campo energético da criança.	planta	-	1	1
Mal de 7 dias Doença de macaco	Uma espécie de vermes que dava na criança, mas ela já nascia com isso. Antigamente era caracteriza por doença sem cura e as crianças morriam por desnutrição.	-	-	1	1
Mal de urina	Problemas urinários como infecções.	-	-	1	1
Olhos	Conjuntivite	planta	-	1	1
Parasita em animais	Doenças causadas por vermes que causam desnutrição e fraqueza em animais, podendo levar a morte.	fita vermelha	-	1	1
Reumatismo	Dores no corpo em geral	planta	1	-	1
Rins	Dores nos rins	planta	-	1	1
Torcedura/ Contusão	Parecido com carne quebrada. Torção em alguma parte do corpo que causa inchaço no local.	planta	-	1	1

<b>TOTAL</b>	<b>21</b>	<b>40</b>	<b>61</b>
--------------	-----------	-----------	-----------

As benzeduras são realizadas tanto em adultos como em crianças e, algumas delas, são mais específicas para crianças, sendo as mais citadas para estes casos a “espinhela caída” (27,3%) e “susto” (18,2%). Outras doenças foram mencionadas por apenas uma benzedeira cada, como a “arca caída”, amarelão, caxumba, “bucho virado”, “mal de sete dias”, dor de barriga, febre e “embruxado”.

A citação da benzedura “embruxado” demonstra que ainda é possível encontrar pessoas que mantêm a crença na existência de bruxas, inserida na cultura local desde a colonização pelos povos açorianos no século XVIII, sendo ainda comum escutar na ilha histórias sobre bruxas e seus feitiços (MALUF, 1992). Esta benzedura foi citada por apenas uma benzedeira e foi relatado por ela um caso onde recebeu uma criança que estava muito fraca, não comia e chorava muito. Além disso, a benzedeira conta que a criança estava desenganada pelos médicos e, então, uma médica da região disse acreditar ser uma doença espiritual e orientou que a mãe levasse a criança até uma benzedeira. A benzedeira menciona que ao atendê-la também pode perceber que havia mordidas na língua da criança, onde pode constatar que ela havia sido atacada por uma bruxa, ou seja, estava “embruxada”. Quando a benzeu disse ter visto, logo em seguida, uma melhora e alguns dias depois a mãe da criança a procurou dizendo que ela estava curada. Isso demonstra que as benzedadeiras ainda são popularmente vistas como as pessoas que são capazes de curar doenças que a medicina moderna não cura, também relatado por Souza (2003), além de ainda ser comum a crença de que são elas que detém o poder de desfazer bruxarias, corroborando com o estudo realizado por Maluf (1992).

As rezas mais citadas para adultos foram a “zipra” (54,6%) e outras doenças culturais, com 9,1% de citação cada, como “zipela e zipelão”, “mal de urina”, “comércio”, reumatismo, herpes, dores localizadas, rins e “ferida brava”. As demais doenças registradas são, em geral, realizadas tanto para crianças quanto para adultos, com destaque para o “quebrante” (81,8%), “carne quebrada” (27,3%), “cobreiro” (27,3%) e “sol na cabeça” (27,3%). Também foram citadas, com 9,1% cada, “cravo”, torcedura/contusão, dor de cabeça, “de chão”, “olhos”, constipação, limpeza energética, “conjuro de roupas”, inflamação, infecção e auxílio à distância. Além de ser referido reza para “bicheiras”, em animais (18,2%).

De todas as rezas registradas, 80% delas foram mencionadas por benzedoras de religião e 34,3% por benzedoras de tradição. Porém, é possível observar que os dois grupos realizam rezas em comum que estão relacionadas com as doenças culturais, como “quebrante”, “zipra”, “carne quebrada”, “sol na cabeça” e “espinhela caída” (tabela 2). Isto mostra que, apesar de as benzeduras praticadas por benzedoras de religião serem mais diversificadas que as de tradição (tabela 2), as benzeduras tradicionalmente conhecidas na região continuam sendo realizadas pelas benzedoras em geral (tabela 2).

As benzeduras para “susto”, reumatismo, “arca caída”, caxumba, “zipela e zipelão”, “cravo” e “embruxado” foram citadas apenas por benzedoras de tradição. É possível observar que cada uma destas rezas é praticada por apenas uma benzedora, evidenciando mais uma vez a especialização em determinadas benzeduras por grupos mais tradicionais. Contudo, é importante ressaltar que, apesar de estas rezas não terem sido indicadas pelas benzedoras de religião nesta pesquisa, elas mencionaram que qualquer tipo de doença ou males são tratados com rezas, ainda que algumas delas sejam menos experientes e não pratiquem todas as benzeduras. O que foi observado é que no grupo das benzedoras de religião, apenas a benzedora que ministra os cursos é quem pratica as benzeduras para qualquer tipo de problema, sendo esta pessoa vista como a mais madura e mais experiente nas práticas. As benzeduras praticadas pelas benzedoras de religião menos experientes normalmente são as que aprenderam no curso de técnicas de benzeduras, sendo citadas o “quebrante”, “zipra”, “carne quebrada”, espinhela “caída”, “cobreiro”, dores em geral e “bicheira” em animais.

A doença “cobreiro” foi citada apenas pelas benzedoras de religião (27,3%) (tabela 2). Isso pode estar relacionado ao fato de as benzedoras de tradição serem especialistas em determinadas rezas, sendo possível que as experientes em cobreiro já tenham falecido ou não há na região leste da ilha as que benzem deste problema.

#### 4.3 QUEM PROCURA AS BENZEDEIRAS E ONDE BENZEM?

As benzedoras do leste da ilha não fazem propagandas de seus atendimentos e as pessoas que as procuram, em geral, são indicadas por outras pessoas que já foram atendidas por elas, também observado por Geleski (2014) em um estudo sobre a história das benzedoras da ilha de Santa Catarina.

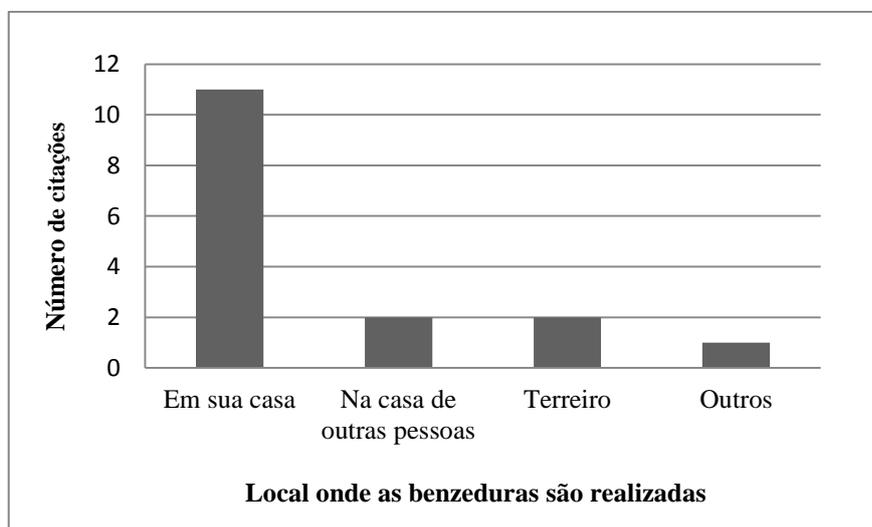
Segundo 72,7% das benzedoras, muitas das pessoas que as procuram são para casos que a “medicina não cura”. Estes casos, como relatado por estas benzedoras, normalmente

estão relacionados a problemas que já foram analisados por médicos, mas que não se obteve sucesso no tratamento. Com isso, os pacientes acabam recorrendo às benzedoras por acreditarem que conseguirão resolver o problema. Esses casos podem estar relacionados a problemas físicos ou espirituais, como “cobreiro” e “quebrante”, respectivamente.

Sobre os lugares onde costumam realizar as benzeduras, 100% das benzedoras disseram benzer em suas próprias casas (figura 2). Destas, 18,2% também relataram benzer na casa de outras pessoas quando solicitadas; 18,2% benzem dentro do terreiro de umbanda e 9,1% benze em outros lugares, como asilos e casas de recuperação (figura 2). O local onde realizam as rezas varia sendo que 54,6% das pessoas entrevistadas disseram benzer na cozinha, onde destas, 18,2% diz preferir este local por ser um local de prosperidade, fartura e confraternização de pessoas; 18,2% disseram benzer no terreiro; 18,2% não tem um local específico; 9,1% possui um quarto próprio para benzer e 9,1% benzem em seu quarto. Foi relatado por 100% das benzedoras de religião que, quando necessário, realizam benzimentos à distância, chamados por elas de “auxílio à distância”, prática também observada por Maciel e Neto (2006).

Nenhuma das benzedoras relatou cobrar pelas benzeduras e todas as benzedoras de tradição disseram receber, de vez em quando, ofertas voluntárias em dinheiro ou objetos de uso pessoal. Quando questionadas sobre a cobrança pelas benzeduras, 100% das benzedoras disseram acreditar que a prática é um dom divino e não deve ser cobrado, como verificado em estudos realizados em outras regiões do Brasil (JESUS *et al.* 2016; DIAS, 2013; MACIEL & NETO, 2006; SOUZA, 2003).

Figura 2. Local onde as benzeduras são realizadas pelas benzedoras do leste da ilha de Florianópolis/SC (n=11).



Em geral, existem várias formas de execução das rezas. Para as benzedoras de tradição normalmente as rezas estão relacionadas às orações vindas do catolicismo, como o Pai Nosso e orações que citam nome de santos, como a Ave-Maria, evidenciando a crença no catolicismo também observado por Maciel & Neto (2006). Para as benzedoras de religião, apesar de muitas serem devotas de santos, existe uma planta ou símbolo que é utilizado por elas em todas as benzeduras que praticam. Esta planta ou objeto a benzedora normalmente escolhe durante a realização do curso de técnicas de benzeduras e será o símbolo padrão para todas as benzeduras que realiza.

As benzedoras de religião também tem sua forma de se preparar para uma benzedura. Porém, rezam antes da benzedura e depois. Algumas tomam banhos de ervas antes e depois. Não existe uma regra a ser seguida. Cada uma realiza a benzedura de acordo com a necessidade do atendido e da forma como recebe, por exemplo, uma orientação espiritual para realizar tal benzedura. Um mesmo problema pode ser tratado com benzedura diferente para pessoas diferentes e a benzedura que será aplicada irá depender do grau do problema e desta orientação espiritual e/ou a inspiração que o benzedor tiver no dia.

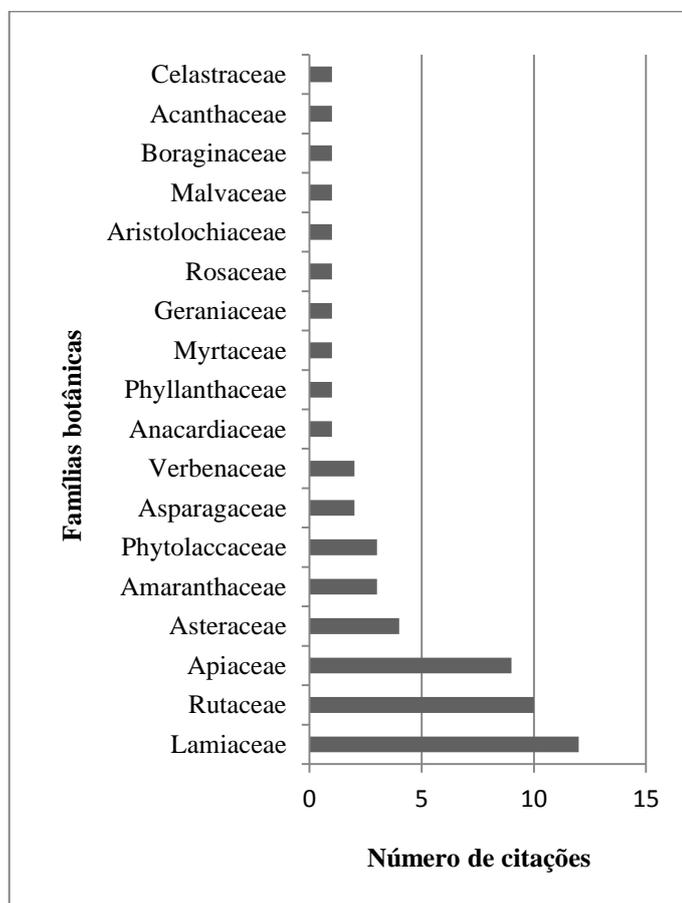
Algumas benzedoras, de ambos os grupos, mencionaram que certas rezas possuem horários específicos para serem realizadas e outras, que possuem rezas que podem ser realizadas por vários dias, de 3 a 21 dias, dependendo do caso, como o auxílio à distância. Essa benzedura parece ser uma prática comum para as benzedoras de religião, sendo relatado por algumas delas que, muitas vezes, a pessoa atendida não sabe que está sendo benzida. O que ocorre é que elas mesmas podem escolher uma pessoa para receber as orações, quando reconhecem que algum conhecido está precisando, ou uma outra pessoa pode procurar a benzedora e pedir para que ela faça a reza para uma outra pessoa necessitada e, dependendo do caso, o auxílio à distância pode durar até 21 dias.

As benzedoras acreditam na força dos números ímpares, sendo mencionado que tanto o número de dias de uma reza, quanto o número de plantas que se utiliza, devem ser sempre ímpares, ou seja, uma benzedura que irá durar alguns dias sempre deverá ser 1, 3, 5, 7, 9... dias, e as rezas que utilizam plantas sempre necessitam ser, por exemplo, 1 espécie, ou 3, 5, 7, 9..., nunca podendo ser número par. Não foi declarado claramente o porquê desta crença, mas esta foi relatada tanto pelo grupo das benzedoras de tradição quanto das benzedoras de religião.

#### 4.4 PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS PELAS BENZEDEIRAS

Foram registradas 31 espécies de plantas medicinais utilizadas pelas 11 benzedadeiras (tabela 3) na prática das benzeduras, sendo estas espécies classificadas em 18 famílias botânicas (figura 3). É importante ressaltar que as benzedadeiras conhecem e usam um número muito superior de plantas medicinais, mas neste estudo foram levantadas apenas as plantas utilizadas diretamente na prática da benzedura. As famílias Lamiaceae e Rutaceae foram as mais citadas pelas benzedadeiras. As espécies dessas famílias normalmente são reconhecidas pelas suas propriedades medicinais sendo comumente utilizadas na região. É possível observar uma similaridade de resultados com outros estudos como o realizado por Ávila (2012) e Maciel & Guarim-Neto (2006), com benzedadeiras de Garopaba-SC e Imbituba-SC e Juruena-MT, respectivamente, que também demonstraram as famílias Lamiaceae, Rutaceae como sendo as mais citadas.

Figura 3. Citação das famílias botânicas utilizadas em rezas, chás e banhos pelas benzedadeiras do leste da ilha da Florianópolis/SC.



Não existem plantas específicas para cada benzedura, porém algumas benzedoras tem a preferência por certas plantas que, normalmente, são as mais comuns na região onde vivem, semelhantemente ao demonstrado por Zank e Hanazaki (2016) em um estudo realizado com benzedores da Chapada do Araripe, Ceará.

Essas plantas são coletadas, na grande maioria das vezes, no seu próprio quintal (figura 7), também verificado por Silva (2009). As plantas mais citadas pelas benzedoras foram a *Ruta graveolens* L. (arruda), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Solidago chilensis* Meyen (arnica), *Pimpinella anisum* L. (erva-doce) e *Foeniculum vulgare* Mill. (funcho), *Petiveria alliacea* L. (guiné), *Mentha* sp. (hortelã), *Citrus* sp. (laranjeira), *Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze (penicilina-vegetal) e *Bidens pilosa* L. (picão-preto) (tabela 3).

Tabela 3. Identificação botânica das espécies de plantas medicinais que são mais utilizadas na prática das benzeduras pelas 11 benzedoras do leste da ilha de Florianópolis/SC, com a descrição das doenças/males tratadas, partes utilizadas e citações de cada uma.

Nome popular	Identificação científica	Família Botânica	Doenças/ males tratados	Forma de uso	Parte utilizada	Nº de citações
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Cobreiro	Reza	Galhos	1
			Embruxado	Banho	Folhas	1
			Quebrante	Reza	Galhos	2
			Todas as benzeduras	Reza	Galhos	2
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Calmente	Chá	Folhas	1
			Embruxado	Banho	Folhas	1
			Quebrante	Reza	Galhos	1
			Todas as benzeduras	Reza	Galhos	1
Arnica	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Asteraceae	Contusão/torção	Reza e banho	Folhas	3
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Apiaceae	Cólicas	Chá	Galhos	1
			Gases	Chá	Galhos	1
			Reumatismo	Chá	Galhos	1
Espada-de-São Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Asparagaceae	Embruxado	Banho	Folhas	2
			Todas as benzeduras	Reza	Folhas	1
Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Apiaceae	Todas as benzeduras	Chá	Galhos	1
			Gases	Chá	Galhos	1
			Reumatismo	Chá	Galhos	1
Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	Embruxado	Banho	Folhas	1
			Quebrante	Reza	folhas	2

Hortelã	<i>Mentha</i> sp.	Lamiaceae	Calmante	Chá	Folhas	1
			Dor de barriga	Chá	Folhas	1
			Dor de cabeça	Chá	Folhas	1
Laranja	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Resfriado	Chá	Folhas	1
			Todas as benzeduras	Reza	Folhas	1
			Zipra	Banho	Folhas	1
Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae	Infecção	Reza e chá	Galhos	2
			Inflamação	Chá	Folhas	1
Picão-preto	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	Amarelão	Banho e chá	Folhas	3
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Apiaceae	Inflamação	Reza e banho	Folhas e sementes	2
Erva-baleeira	<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Boraginaceae	Todas as benzeduras	Reza	Galhos	1
			Inflamação	Chá	Folhas	1
Melissa	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br.	Verbenaceae	Calmante	Chá	Folhas	2
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i> L.	Lamiaceae	Menopausa	Reza	Folhas	1
			Resfriado	Chá	Folhas	1
Abre-caminho	<i>Justicia gendarussa</i> Burm.f.	Acanthaceae	Abrir caminho	Reza	Folhas	1
Alfazema	<i>Lavandula</i> sp.	Lamiaceae	Embruxado	Banho	Folhas	1
Caxumba	<i>Sida</i> sp.	Malvaceae	Caxumba	Reza	Galhos	1
Cipó-mil-homens	<i>Aristolochia triangularis</i> Cham	Aristolochiaceae	Zipra	Chá	Galhos	1
Cordão-de-São Francisco	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Lamiaceae	Embruxado	Banho	Folhas	1
Espinheira-santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch.	Celastraceae	Estômago	Chá	Folhas	1
Gramma-seda	Espécie não identificada		Conjuntivite	Reza	Folhas	1
Limão	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	Herpes	Reza	Fruto	1
Malva-cheirosa	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér.	Geraniaceae	Todas as benzeduras	Reza	Folhas	1
Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Limpeza energética	Reza	Folhas	1
Manjerição	<i>Ocimum americanum</i>	Lamiaceae	Todas as benzeduras	Reza	Galhos	1
Pitangueira-roxa	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Zipra	Chá	Folhas	1
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus</i> sp.	Phyllanthaceae	Rins	Chá	Folhas	1
Rosa-branca	<i>Rosa alba</i> L.	Rosaceae	Quebrante	Reza	Galhos	1
Salsinha	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Apiaceae	Fígado	Chá	Folhas	1

A forma de utilização das plantas mais mencionadas pelas benzedadeiras foi para chás feitos através de infusão onde 22 espécies foram registradas para esta finalidade (tabela 3), sendo esse resultado semelhante a outros estudos etnobotânicos realizados (ÁVILA, 2012; MACIEL & GUARIM-NETO, 2006). As plantas mais citadas para chás foram a *Pimpinella anisum* L. (erva doce), *Foeniculum vulgare* Mill. (funcho) e *Mentha* sp. (hortelã) (tabela 3). Normalmente, o uso destas plantas está relacionado a problemas físicos, como cólicas, gases, calmante, dores de barriga e de cabeça (tabela 3). As benzedadeiras relataram que quando recebem pessoas para atender, muitas vezes realizam apenas a reza, sem necessariamente utilizar plantas na prática da benzedura, e ao final fazem a indicação de um chá para o atendido tomar em casa. Segundo algumas benzedadeiras, muitas pessoas que as procuram estão apenas com algum problema físico que pode ser resolvido com a utilização de uma erva.

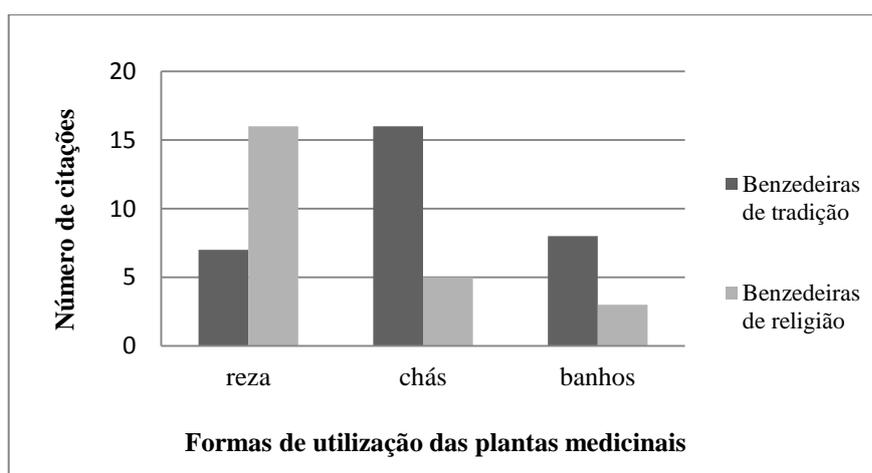
Para banhos, foram citadas 11 ervas, sendo mencionadas a *Ruta graveolens* L. (arruda), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Petiveria alliacea* L. (guiné), *Lavandula* sp. (alfazema), *Bidens pilosa* L. (picão), *Solidago chilensis* Meyen (arnica), *Leonotis nepetifolia* (L.) R. Br. (cordão-de-são-francisco), *Citrus* sp. (laranjeira), *Coriandrum sativum* L. (coentro), *Sansevieria trifasciata* Prain (espada-de-são-jorge espada-de-santa-rita) (tabela 3). A utilização de ervas em banhos está muito relacionada à crença de que elas possuem o poder de “descarregar” o corpo e realizar limpeza espiritual (MACIEL & NETO, 2006). Segundo as benzedadeiras, o corpo “carregado” pode ser causado por “quebrante” (inveja, olho gordo) ou por ataques espirituais de bruxas ou espíritos obsessores. Os banhos também são indicados para algumas doenças físicas como amarelão, contusão/torção, inflamação, resfriados e “zipra” (tabela 3).

As benzedadeiras de tradição são as que mais fazem indicações de plantas para chás e banhos (figura 5) e isso pode estar relacionado ao fato de que normalmente realizam apenas algumas rezas. Com isso, quando são procuradas para benzer de algo que não são especialistas elas fazem indicações de chás, visto também serem detentoras de um amplo conhecimento sobre a utilização medicinal das plantas (ZANK & HANAZAKI, 2016; ÁVILA, 2012; AMOROZO, 1999) adquirido ao longo de gerações através do conhecimento popular transmitido de forma oral (HOFFMAN-HOROCHOVSKI, 2012).

As plantas medicinais são vistas com poder espiritual pelas benzedadeiras. Elas acreditam que as plantas possuem o poder de desfazer problemas espirituais e físicos e muitas espécies são utilizadas especificamente no momento das benzeduras (tabela 3). Das 31 espécies de plantas identificadas, 21 delas também foram indicadas como plantas que podem

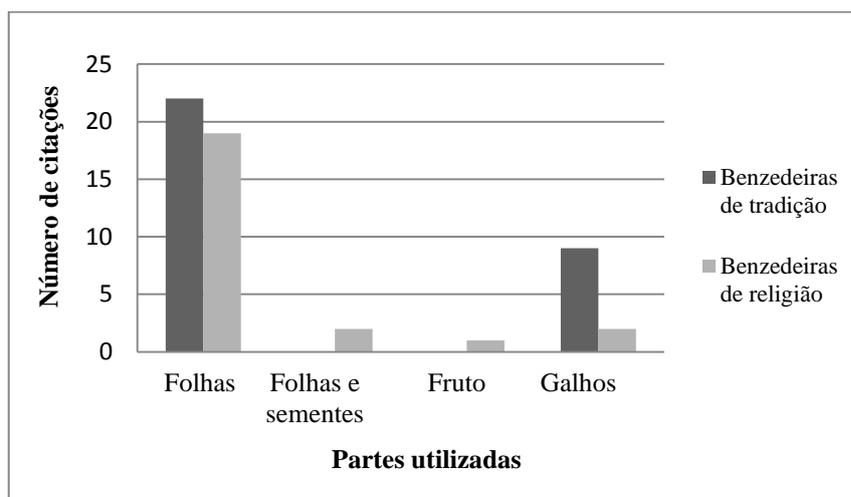
ser utilizadas no momento das benzeduras e, em geral, a utilização destas plantas depende do nível do problema e, também, da afinidade entre o benzedor e determinadas ervas. Porém, é possível observar que existem espécies que são preferencialmente utilizadas, sendo as mais citadas a *Ruta graveolens* L. (arruda), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim) e *Petiveria alliacea* L. (guiné) (tabela 3), que são mais utilizadas para doenças culturais como “cobreiro”, “quebrante” e “embruxado”. Uma benzedeira de tradição relatou ter preferência em utilizar guiné em suas benzeduras para “quebrante”, mas se não houver esta planta ela utiliza arruda ou alecrim. As benzedadeiras de religião relataram que para todas as benzeduras podem utilizar qualquer planta, pois devido ao poder espiritual que todas possuem, qualquer uma delas é capaz colaborar com a cura. Elas relataram que no momento de benzer, se não tiverem a planta de preferência, utiliza-se a que tem por perto. Apenas uma benzedeira mencionou não utilizar nenhuma espécie de planta para benzer. Esta benzedeira, de 19 anos e nova na prática das benzeduras, diz que benze apenas em si própria para dor de cabeça e que realiza a benzedura “com as mãos”, pois acredita que a energia que flui de suas mãos é capaz de curar a dor. As benzedadeiras de religião foram as que mais citaram plantas para utilização especificamente nas benzeduras (figura 4). Foi observado que esta prática é comum entre elas, pois o uso de plantas medicinais nas rezas faz parte da crença espiritual da religião que estas benzedadeiras praticam.

Figura 4. Citação das formas de utilização das plantas medicinais pelas benzedadeiras de tradição e pelas benzedadeiras de religião no leste da Ilha de Florianópolis/SC.



Em geral, a parte das plantas medicinais mais utilizadas pelas benzedadeiras são as folhas (figura 5), também observado em outros estudos etnobotânicos (ÁVILA, 2012; MACIEL & NETO, 2006; AMOROZO, 1999). Também foi mencionado a utilização de galhos tanto pelo grupo das benzedadeiras de tradição quanto os das benzedadeiras de religião (figura 5). Além das folhas e galhos, as benzedadeiras de religião mencionaram utilizar folhas e sementes como, por exemplo, o *Coriandrum sativum* L. (coentro) (figura 5). Elas também disseram utilizar fruto (figura 5) como o limão que é utilizado em uma benzedura específica, para herpes labial (tabela 3). O limão é cortado ao meio e, então, a benzedeira fica de frente para o atendido e faz o sinal da cruz com o fruto na frente do rosto da pessoa. Segundo estas benzedadeiras o limão "suga" a doença, pois tem uma força energética que auxilia agindo como uma esponja que absorve a herpes fazendo com que ela seque.

Figura 5. Citação das benzedadeiras de tradição e de religião das partes de plantas medicinais utilizadas para chás, banhos e rezas.



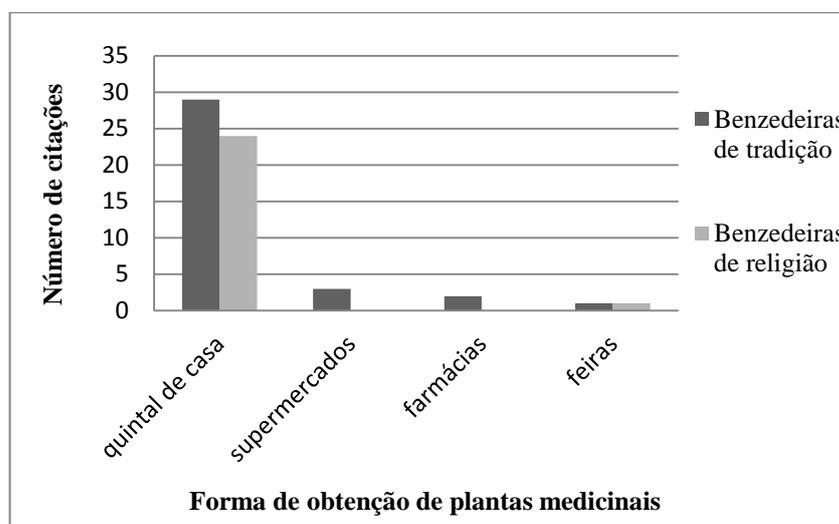
Silva (2009), em estudo realizado em Pojuca, Bahia, menciona que é bastante comum o cultivo doméstico de plantas medicinais pelas benzedadeiras. Isso também pode ser observado nesta pesquisa onde foi verificado que as benzedadeiras normalmente possuem pequenos espaços de plantio de plantas medicinais em suas casas (figura 6).

Figura 6. Espaços domésticos para plantio de plantas pelas benzedeadas do leste da ilha de Florianópolis/SC.



As plantas cultivadas são, normalmente, as que elas mais utilizam sendo o maior número de citações pelas benzedeadas de tradição (figura 7). Algumas benzedeadas também relataram adquirir algumas espécies nas feiras locais, onde compram as variedades que não possuem em suas casas. As benzedeadas de tradição também mencionaram comprar ervas, como a erva-doce, em supermercados e farmácias (figura 7) pois, segundo elas, esta planta é mais difícil de ser cultivada em casa.

Figura 7. Citação das benzedeadas de tradição e de religião dos lugares onde obtêm as plantas medicinais que utilizam.



#### 4.5 PERCEPÇÕES SOBRE MUDANÇAS NA PRÁTICA DAS BENZEDURAS

Quando questionados sobre a ocorrência de mudanças na prática das benzeduras ao longo do tempo, a maioria das benzedeadas (72,7%) percebe mudanças negativas, com maior destaque para a falta de fé (63,6%). Outras citações foram a preferência pela medicina moderna e por medicamentos industrializados (54,6%), a desvalorização das benzedeadas (27,3%), a procura como sendo maior nas comunidades interioranas (18,2%), urbanização da cidade (18,2%), falta de tempo devido à rotina de trabalho (18,2%), as benzeduras não fazem mais parte do cotidiano das pessoas (9,1%) e as benzedeadas estão falecendo (9,1%).

Apesar de relatarem mudanças, as benzedeadas disseram (54,6%) que ainda há bastante procura, como também observado por Souza (2003). Algumas disseram não ter ocorrido mudança nas práticas (45,4%) relatando que as pessoas apenas não tem mais fé como antigamente.

Outro ponto a se destacar no que diz respeito às mudanças nas práticas de benzeduras ao longo dos anos é que as benzedeadas de religião disseram benzer “voz alta”. Ao contrário da maioria das benzedeadas de tradição que rezam em “voz baixa”, muitas vezes sussurrando as rezas, o que não permite que a pessoa que está sendo benzida entenda o que a benzedeadas diz. As benzedeadas de tradição dizem que é necessário benzer em voz alta de forma que a

pessoa compreenda a reza fazendo com que creia mais no que está sendo feito (o ouvir para crer).

No que diz respeito à percepção em relação ao fim das benzedeadas, 54,6% acreditam que as benzedeadas estão acabando. Os fatores mencionados foram a falta de interesse das pessoas mais jovens aprender (45,4%), a idade avançada dos benzedores (36,4%), a falta de fé das pessoas (18,2%) e o desenvolvimento da medicina moderna (18,2%). Esses pontos já haviam sido descritos por Geleski (2014), como sendo alguns dos fatores que podem estar levando à diminuição da procura por benzedeadas, sendo os mesmos fatores observados por Hoffmann-Horochovski (2012) em estudo realizado no Paraná.

Apesar disso, 45,4% não acredita que as benzedeadas estejam acabando e relatam que, na verdade, muitas se preservam, ou seja, estão “escondidas” devido às repressões religiosas, principalmente evangélicas, que condenam essas práticas, fato que já havia sido observado por Hoffmann-Horochovski (2012).

O que foi possível observar é que as benzedeadas de tradição são mais pessimistas em relação à continuidade das benzedeadas, sendo as pessoas que mais mencionaram estar ocorrendo uma diminuição que poderia levar ao fim as práticas de benzedeadas. Já as benzedeadas de religião são mais otimistas no que diz respeito a esta continuidade. Segundo elas, o fato de estarem surgindo cursos de formação de benzedores ao longo dos últimos anos, sendo estes bastante procurados, permitirá a continuação da tradição através da formação de novas benzedeadas.

#### 4.6 PERCEPÇÕES SOBRE MUDANÇAS NA UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS

Sobre mudanças na utilização de plantas medicinais, 100% das benzedeadas disseram que hoje em dia não se utiliza mais plantas medicinais como antigamente. O principal fator que levou a diminuição do uso, mencionado pelas benzedeadas, foi o rápido crescimento da cidade (72,7%) que, segundo elas, fez com que diminuíssem os terrenos com espaços para plantios. Outros fatores apontados pelas benzedeadas é preferência das pessoas por remédios industrializados (27,3%), pois na rotina do dia a dia, é o que “faz efeito” mais rápido e, além disso, a geração atual não sabe como utilizar plantas medicinais (18,2%). Também foi relatado que a utilização de plantas medicinais é mais comum nas áreas rurais (9,1%).

Por outro lado, as benzedadeiras acreditam que está havendo um resgate no uso das plantas medicinais (36,4%). Segunda as benzedadeiras, o interesse atual em terapias alternativas e mais naturais está fazendo com haja maior disponibilidade de plantas medicinais sendo encontradas mais facilmente em farmácias, feiras e supermercados. Também foi comentado que as pessoas mais antigas da comunidade estão começando a se empenhar em mostrar para os jovens que as plantas medicinais são importantes.

#### 4.7 APRENDIZAGEM

Em relação à forma como as benzedadeiras aprenderam a benzer, 45,4% das entrevistadas disse ter aprendido na infância. Destas, 36,4% começou a benzer somente depois dos 40 anos de idade, após o falecimento de suas mães. Um caso semelhante foi observado por Silva (2009) em Pojuca, Bahia, que descreveu sobre uma benzedeira que começou a benzer depois do falecimento de seu pai. Outras 27,3% aprenderam na juventude e 36,4% aprenderam na fase adulta.

Das benzedadeiras que aprenderam as rezas na infância, 36,4% foi através da transmissão vertical (figura 8). Essas benzedadeiras aprenderam a benzer com suas mães ou avós ouvindo-as repetir as rezas e benzendo as pessoas que as procuravam, sendo esse fato também observado no estudo de Silva (2009). A pesquisadora também descreve que uma das benzedadeiras de seu estudo aprendeu a benzer com o pai, sendo isto também observado nesta pesquisa onde uma das benzedadeiras relatou que seu pai também benzia e que, além das rezas que aprendeu com a mãe, aprendeu com ele a reza da “verruga”.

Uma benzedeira aprendeu a benzer na infância de forma oblíqua (figura 8) quando relatou que conheceu uma senhora benzedeira que morava no mesmo bairro e que começou a se interessar por benzeduras ao vê-la benzer. Com o passar do tempo, ela aprendeu algumas rezas com esta benzedeira e depois disso não parou mais.

Uma das benzedadeiras que aprendeu a benzer na infância de forma vertical também disse ter aprendido algumas rezas de forma espiritual (figura 8). Ela mencionou que a maioria das rezas aprendeu com sua mãe, porém as benzeduras “susto” e “zipela e zipelão”, desconhecidas pela benzedeira, diz ter aprendido em uma visão em sonho. Ela conta que sonhou com essas benzeduras e quando acordou viu uma pessoa de branco do lado de sua cama que acredita ser sua tia falecida, que também era benzedeira. Vaz (2005) também

descreve em seu estudo realizado em Irati, interior do estado do Paraná, um caso onde uma benzedeira aprendeu algumas rezas através de visões com uma santa.

Das benzedeiros que aprenderam na juventude, uma aprendeu de forma vertical (figura 8) aos 12 anos de idade com sua mãe que também benze. Apesar de ter aprendido com sua mãe, a benzedeira disse que passou a benzer com mais frequência depois de realizar um curso de técnicas de benzeduras.

Duas pessoas aprenderam a benzer através da transmissão oblíqua na juventude (figura 8). Uma dessas pessoas disse ter tido contato, desde a infância, com senhoras que benziem. Relata que quando era criança ganhou uma oração de Santa Cruz de uma benzedeira e que fazia sempre a oração em seu irmão, que tinha crises de epilepsia. Diz que sempre praticou rezas, mas que na época não tinha entendimento de que essas práticas eram benzeduras. A compreensão sobre as benzeduras só começou a acontecer depois de mais velho e quando realizou um curso de formação de benzedores, em 2009, e a partir de então passou a benzer mais ativamente.

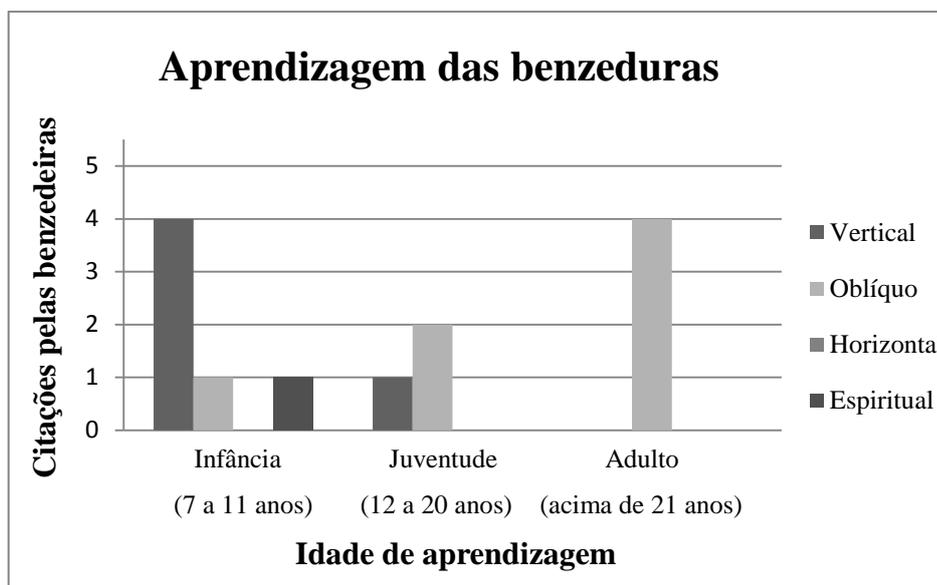
A segunda benzedeira aprendeu observando as benzedeiros que a benziem quando era criança. Ela relata que tinha muitos problemas com vermes e sua mãe sempre a levava para benzer e conta que foi aprendendo ouvindo as rezas enquanto era benzida. Aos 12 anos de idade, disse ter benzido pela primeira vez em seu cachorro que havia sofrido um acidente e machucando a pata traseira. Ela conta que na ocasião não tinha consciência de que sua atitude e o ato praticado era uma benzedura (“costura”), mas que aos poucos foi entendendo e crescendo dentro dela o desejo de ser benzedeira. Foi se especializando e hoje sabe muitas rezas que ensina em um curso de técnicas de benzeduras desenvolvido por ela.

A forma de aprendizagem na idade adulta foi somente oblíqua (figura 8). Todas essas benzedeiros aprenderam através de um curso de técnicas de benzeduras na qual a ministrante é uma benzedeira de um centro religioso onde estas pessoas frequentam, não ocorrendo relação de parentesco entre elas.

Apesar de apenas uma benzedeira ter relatado ter aprendido de forma espiritual (figura 8), todas as benzedeiros disseram que para benzer é necessário que a pessoa tenha o dom. Todas as benzedeiros de religião acreditam que para começar a praticar as benzeduras tem que ocorrer um “despertar”, ou seja, a pessoa tem que perceber que tem o dom de benzer. Segundo elas, em algum momento da vida irá acontecer esse despertar para as benzeduras e não existe, necessariamente, uma idade ideal para que isso aconteça. Isto mostra, como também descrito Souza (2003), que nem sempre as benzedeiros começam a benzer

quando jovens, pois pode levar de meses a anos para que a pessoa tenha clareza sobre seu chamado para ser uma benzedeira.

Figura 8. Transmissão do conhecimento sobre as benzeduras pelas benzedeiros do leste da ilha de Florianópolis/SC.



No que diz respeito às formas de transmissão dos conhecimentos, segundo Cavalli-Sforza e colaboradores (1982), o tipo predominante é a vertical, corroborando com o evidenciado neste estudo (figura 8). Entretanto também há um predomínio da transmissão oblíqua, que neste estudo está relacionado principalmente ao surgimento de cursos de benzeduras (figura 8).

A transmissão vertical é predominante na infância (figura 8), também observado em outros estudos (REYES-GARCIA *et al.* 2016; CAVALLI-SFORZA *et al.* 1982). Isso porque as crianças passam mais tempo com seus familiares, mantendo constante contato com as práticas e mais propensas a adquirir estes conhecimentos (REYES-GARCIA *et al.* 2016; CAVALLI-SFORZA *et al.* 1982). Esta forma de transmissão é altamente conservativa e menos aberta a inovações (CAVALLI-SFORZA *et al.* 1982).

Sobre a transmissão horizontal, de acordo com o estudo de Reyes-Garcia *et al.* (2016), esta é normalmente baixa para adultos, semelhante ao que foi na qual não foi registrada essa forma de transmissão. No caso das benzedeiros de religião, isso pode ter ocorrido devido ao fato de elas já terem tido, na infância, um contato prévio com as práticas através de outras benzedeiros e apenas na vida adulta buscaram aprender e aperfeiçoar seus

conhecimentos teóricos através de cursos ou pessoas especializadas, como também observado no estudo desses pesquisadores. Nas benzedeadas de tradição não foi possível identificar o motivo pelo qual não houve transmissão horizontal (figura 8).

Também foi observado o aumento da transmissão oblíqua a partir da juventude até a fase adulta (figura 8). Isso pode estar relacionado ao surgimento dos cursos de técnicas de benzeduras onde foi possível verificar que essas pessoas primeiramente adquiriram informações de seu ambiente social na infância e, posteriormente, buscaram novas informações com outras pessoas que são mais experientes na prática. Isso demonstra que a transmissão oblíqua é importante na formação de conhecimento nos adultos, como verificado por Reyes-Garcia (2016), porque fornece oportunidades de inserção de novos conhecimentos que podem ser adaptados levando a mudanças culturais ao longo das gerações, também mencionado em outros trabalhos (REYES-GARCIA *et al.* 2016; SOLDATI, 2013; ZANK & HANAZAKI, 2012; CAVALLI-SFORZA *et al.* 1982). A transmissão oblíqua contribui para a troca de informações que podem complementar o conhecimento prévio que tinham ou até mesmo substituí-lo, como observado por Reyes-Garcia *et al.* (2016).

No que diz respeito aos cursos de técnicas de benzeduras, estes acontecem duas vezes por ano em um centro umbandista da região leste da ilha de Santa Catarina e, como mencionado anteriormente, são ministrados pela líder da religião que possui muitos anos de experiência com esta prática. Segundo esta benzedead, cerca de 60 pessoas já realizaram o curso, mas destas não sabe exatamente quantas atuam, exceto as 5 pessoas, que também foram entrevistadas, que continuam frequentando o local onde praticam a religião. Além disso, ela também relata que durante o ano muitas pessoas passam pelo terreiro e acabam por aprender algumas das rezas praticadas durante as reuniões. Nos cursos participam pessoas de outros estados que moram na cidade e, também nativos, mostrando que ainda há interesse da comunidade nativa em aprender benzeduras.

As benzedeadas de religião relataram que, apesar de muitas pessoas realizarem o curso, só quem realmente foi chamado para isso (dom) levará adiante. Elas mencionaram que não é no curso que se formará uma benzedead, mas acreditam que se a pessoa tem o dom acontecerá um "despertar" conforme a pessoa vai buscando a vivência e trocando experiências sobre as benzeduras. Foi possível observar que todas as benzedeadas que realizaram cursos já tinham tido um contato prévio com benzedeadas na infância e, segundo elas, foi no decorrer da vida que "despertaram" para este dom. Juntamente com a fé, a realização dos cursos

possibilitou uma maior compreensão sobre o que são as benzeduras, fazendo com que se reconhecessem como benzedoras.

Quando questionadas sobre a opinião a respeito dos cursos como forma de transmissão do conhecimento, as benzedoras de religião disseram achar importante que eles aconteçam porque, após realizar o curso e aprender as técnicas, a pessoa que der continuidade na prática provavelmente ensinará para outras pessoas, garantindo a transmissão do conhecimento. Além disso, uma pessoa relata ter ouvido um caso de uma benzedora sofrer inquérito policial devido a ser denunciada por exercer uma medicina desconhecida. Por isso, acredita que o reconhecimento e oficialização dos cursos poderão servir como ferramenta política para que se legitime o ato de benzer, além de proteger os benzedores facilitando, também, a transmissão do conhecimento.

Em relação às benzedoras de tradição, nenhuma delas relatou ter conhecimento sobre a existência de cursos de benzeduras e ao serem questionadas sobre o que acham desta forma de aprendizagem, todas disseram ser muito importante que aconteçam, pois poderá contribuir para a continuidade das práticas.

#### 4.8 REDES SOCIAIS NA APRENDIZAGEM E RECIPROCIDADE

A análise de redes foi utilizada para verificar, primeiramente, quais benzedoras se conhecem entre si (figura 9). Nesta parte da pesquisa foram entrevistadas as benzedoras B1, B4, B5, B6, B7, B8, B9, B10 e B11. Observando o sociograma da rede (figura 9) e comparando com os dados qualitativos da pesquisa, é possível perceber que existem dois subgrupos: um formado pelas benzedoras de religião (grupo mais acima, à esquerda), representadas pelas benzedoras B2, B3, B4, B5, B6 e B7, e outro formado pelas benzedoras de tradição (mais a baixo, à direita). Existe pouca conectividade entre esses dois grupos, mas apesar disso algumas benzedoras de religião (B7, B5 e B6) relataram conhecer algumas benzedoras de tradição (B1, B8 e B11) (figura 9). Isso faz com que essas pessoas sejam atores importantes na comunicação entre os dois grupos, pois podem atuar como pontes para que haja circulação dos conhecimentos por toda a rede. Marteleto (2001) também observou a importância dessas conectividades em um estudo com movimentos sociais organizados nos subúrbios de Leopoldina, Rio de Janeiro.

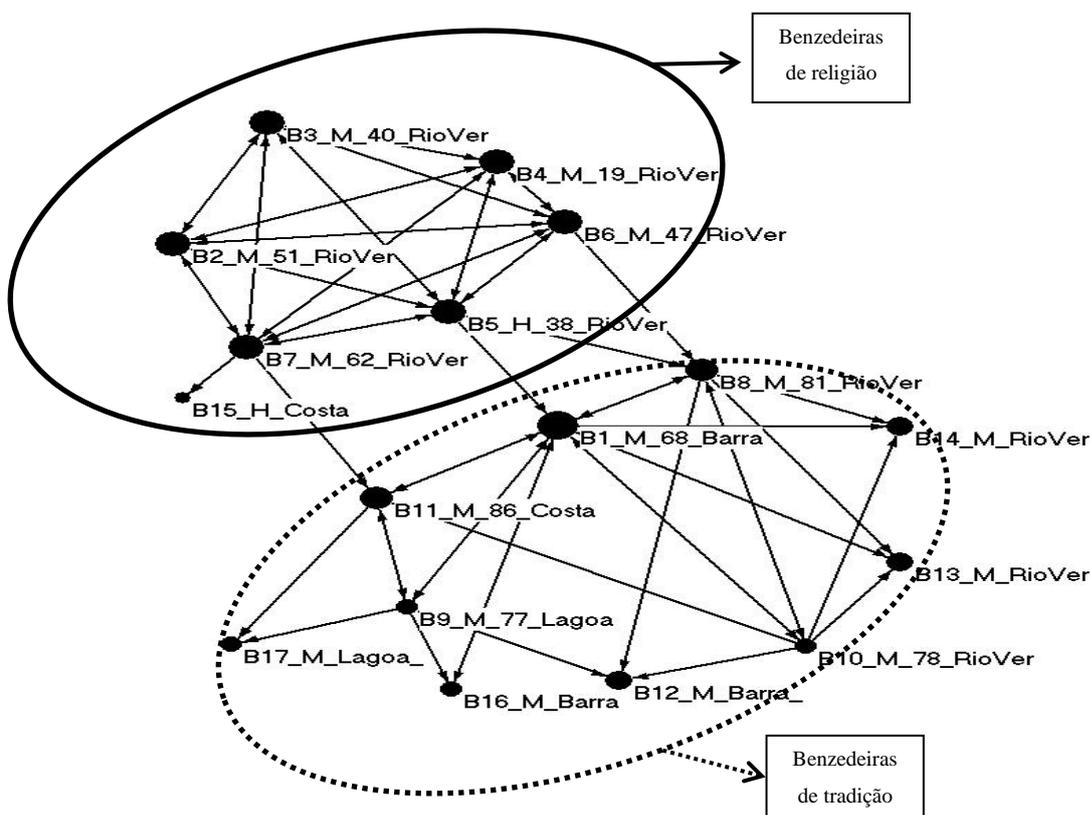
A benzedora B1 é a que possui maior centralidade (figura 9), isto é, é a que mais tem conexão com outras pessoas da rede. Segundo o estudo de Marteleto (2001) a pessoa com

maior centralidade é aquela que mais se destaca em trabalhos populares, que pode ser desde um papel de liderança ou como articuladora do movimento e, além disso, faz com que essa pessoa seja referência dentro da cultura. Isso corrobora com o observado na presente pesquisa, onde foi evidenciado o poder de influência que a B1 tem dentro da comunidade local. Essa benzedeira é muito conhecida não só por praticar benzeduras, mas também pela sua atuação em trabalhos sociais na comunidade local e em outros bairros da cidade onde costuma visitar asilos e casas de recuperação para benzer e levar alimentos, além de ser atuante em reuniões e eventos religiosos.

Além da B1, as benzedeiros B8 e B11 são conhecidas por pessoas de ambos os grupos, porém as benzedeiros de religião as conhecem apenas de vista e nunca tiveram contato pessoal, evidenciando mais uma vez a baixa relação entre os dois grupos. Essas benzedeiros (B1, B8 e B11) relataram se conhecerem desde criança, apesar de não manterem uma relação muito próxima de amizade ou de troca de informações sobre benzeduras. Também é possível observar que cada umas dessas benzedeiros possui elos com outras benzedeiros, onde se percebe a formação de outros subgrupos dentro do grupo das benzedeiros de tradição. Isso mostra que, apesar da falta de contato entre essas três pessoas, nesses subgrupos elas mantêm contato com outras benzedeiros, favorecendo o compartilhamento das informações. Para exemplificar, a benzedeira B1 conhece a B11, porém não se comunicam pessoalmente. Porém, a benzedeira B11 se comunica com a B9, que se comunica com a B1, abrindo caminho para a troca de conhecimentos com a B1, evidenciando que estes conhecimentos não são obtidos, necessariamente, de seus contatos diretos, como também observado do estudo de Marteleto (2001).

As benzedeiros de tradição e religião que se encontram nas extremidades da rede e que não possuem outros contatos (exceto as falecidas), apesar de apresentarem baixa centralidade, são fundamentais na dinâmica da rede, pois podem estabelecer novos contatos com outros grupos trazendo novas informações e realizando a mediação das trocas entre esses conhecimentos, corroborando com o estudo de Marteleto (2001).

Figura 9. Sociograma de benzedeadas do leste da Ilha de Florianópolis. As ligações indicam quais benzedeadas se conhecem entre si. O tamanho do vértice indica o grau de centralidade de cada benzedead. As benzedeadas são representadas por legendas onde B significa benzedead, seguido do gênero (M=Mulher, H=Homem), idade e bairro.



Também foram analisadas as ligações entre cada benzedead em relação à troca de aprendizado e da reciprocidade de benzeduras (figura 10). É possível observar que a conectividade de rede de aprendizado é menor que as de reconhecimento (figura 10), o que demonstra menor contato entre as benzedeadas quando se trata de troca de conhecimentos, também verificado em um estudo sobre relações sociais dos benzedeados da Chapada do Araripe, Ceará (ZANK & HANAZAKI, 2012). Nesta análise não foram identificadas ligações entre o grupo das benzedeadas de tradição (à esquerda) e o das benzedeadas de religião (à direita) (figura 10). Além disso, alguns indivíduos, mais abaixo, foram reconhecidos com pouca ou nenhuma ligação direta, sendo estas benzedeadas de tradição (figura 10).

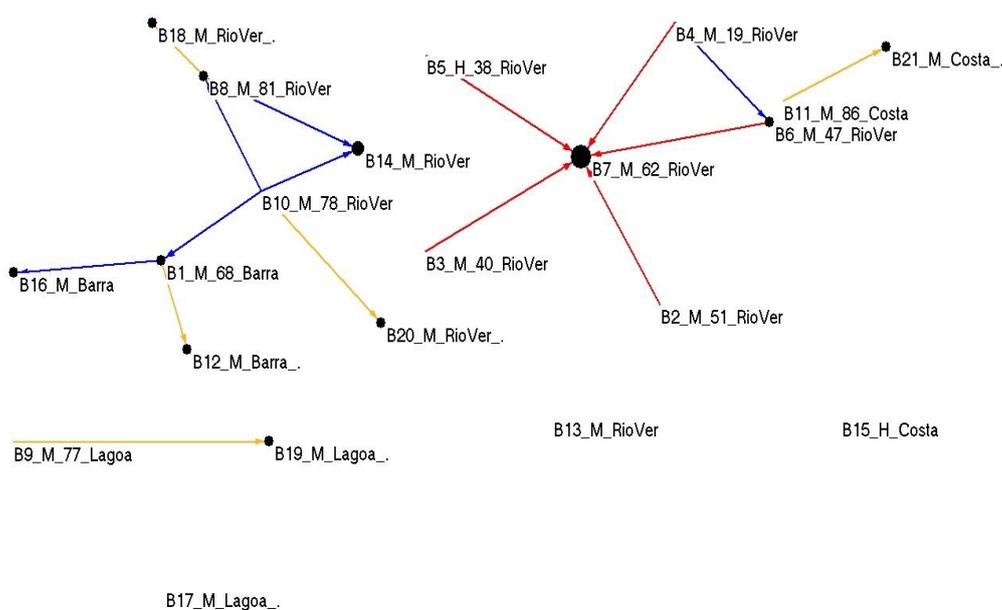
As linhas azuis representam os elos entre as benzedeadas que procuram umas as outras para serem benzedas (figura 10), sendo a benzedead B14 a mais procurada pelas benzedeadas de tradição (figura 10). A benzedead B14 não foi entrevistada, mas foi

mencionada como a única procurada por outras duas benzedeadoras de tradição (B8 e B10) (figura 10). O que pode ser evidenciado é que existe uma relação de parentesco entre a B8 e a B14, e uma amizade de infância muito próxima entre a B8 e a B10, indicando um forte elo de confiança entre elas. Como essas três benzedeadoras se comunicam entre si, o fato de a benzedeadora B10 ter sido benzida, também, pela benzedeadora B1 pode fazer de B10 uma ponte para colocar as demais em contato facilitando a comunicação e troca de informações para a rede. A benzedeadora B1 relata ter sido benzida apenas uma vez pela benzedeadora B19, que mora no mesmo bairro. A benzedeadora B4 já foi benzida por B6 (sua mãe), mas relata que hoje ela mesma se benze. Essa benzedeadora é a mais nova na rede e tem pouco tempo de prática de benzeduras.

As linhas amarelas são representadas pelas benzedeadoras que ensinaram benzeduras para outras benzedeadoras (figura 10). Todas as benzedeadoras de tradição que ensinaram benzedeadoras, também de tradição (B12, B18, B19, B20 e B21) são falecidas. A benzedeadora B12 foi identificada como uma vizinha que ensinou uma criança que, depois de ter aprendido as benzeduras, não parou mais de benzer, sendo atualmente a benzedeadora (B1) com maior centralidade na rede de reconhecimento entre as benzedeadoras (figura 9). As demais benzedeadoras falecidas (B18, B19, B20 e B21) eram mães/avós das benzedeadoras B8, B10, B11 e B9, sendo B19 e B9 (mãe e filha) pessoas sem nenhum elo de ligação com outras pessoas da rede. As benzedeadoras B13 e B15 não foram entrevistadas e a B17 faleceu em abril de 2018.

A benzedeadora B7, benzedeadora de religião, possui maior grau de influência entre todas as benzedeadoras (figura 10). Essa benzedeadora é a única na rede procurada tanto para aprenderem benzeduras com ela como para serem benzidas ou levar outras pessoas para benzer, podendo ser observado pelas linhas vermelhas (figura 10). De fato, foi evidenciada a alta influência da B7. Esta é a benzedeadora do grupo das benzedeadoras de religião que mais possui experiência com as benzeduras, sendo a ministrante de um curso de técnicas de benzeduras. Ela é identificada como uma pessoa que possui importância fundamental no grupo das benzedeadoras de religião, pois é a que faz a mediação das informações que circulam e como elas podem percorrer, facilitando o fluxo destas informações na rede. Outros casos semelhantes já foram observados em outros estudos (GOMIDE & SCHUTZ, 2015; MARTELETO, 2001).

Figura 10. Sociograma das benzedeadas do leste da Ilha de Florianópolis representando a troca de aprendizado e da reciprocidade de benzeduras. Linhas laranjas indicam de quem elas aprenderam, linhas azuis quem procuram para serem benzidas, e as linhas vermelhas para aquelas com quem aprenderam e que procuram para serem benzidas.



A falta de conectividade na rede entre as benzedeadas de tradição e as de religião pode estar relacionada a alguns fatores: 1) as benzedeadas de tradição não tem conhecimento sobre a realização de cursos de formação de benzedeadas pelo grupo de religião, portanto também não sabem sobre a existência dessas benzedeadas; 2) as benzedeadas de tradição, quando precisam procurar outra benzedeadas, buscam as que tem um relacionamento próximo, como familiares ou amigas de infância; 3) Algumas benzedeadas de tradição não costumam procurar outras benzedeadas ou, até mesmo, não gostam de ter contatos com outras benzedeadas; 4) as benzedeadas de religião não procuram benzedeadas de tradição, pois no terreiro onde essas benzedeadas frequentam há outras pessoas que benzem, não sendo necessário procurar em outro local e; 5) as benzedeadas de religião mais novas nas práticas, quando precisam, buscam a líder da religião (B7), que é a pessoa que detém grande conhecimento nas práticas, tanto para ensinar quanto para benzê-las.

A falta de contato entre esses dois grupos pode ser um dos fatores desfavoráveis à transmissão dos conhecimentos, principalmente se as benzedeadas de maior centralidade saírem da rede. Como as benzedeadas B1 e B7 são as pessoas de maior influência na rede, caso

não haja um substituto de confiança que assuma essa centralidade, as informações estão sujeitas à descontinuidade. Esses fatos também foram observados em outros estudos, demonstrando o possível enfraquecimento da rede, caso a pessoa de maior centralidade não esteja mais presente (GOMIDE & SCHUTZ, 2015; MARTELETO, 2001).

Além da ausência de ligações entre os dois grupos, dificultando a transmissão das informações, o conhecimento sobre as benzeduras tem sido pouco repassado. As benzedoras foram questionadas sobre ensino das rezas para outras pessoas de fora da rede e a maioria das benzedoras (72,8%) relataram nunca terem ensinado. 36,4% mencionaram que as pessoas não tem interesse em aprender e 36,4% disseram ainda não se sentir preparadas para ensinar, visto terem aprendido há pouco tempo. Outras (27,3%) relataram ter ensino, onde 9,1% ensinou familiares e 9,1% desenvolveu um curso de técnicas de benzeduras que é ministrado no terreiro de umbanda.

Do total de benzedoras que mencionaram nunca terem ensinado, 45,5% é representado pelas benzedoras de tradição. Isso mostra que pode estar ocorrendo uma diminuição na transmissão dos conhecimentos sobre as benzeduras por esses grupos podendo influenciar na continuidade da cultura das benzedoras de tradição. Já no grupo das benzedoras de religião, devido aos cursos que são realizados, existe maior probabilidade desses conhecimentos serem continuados.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diferentemente de como ocorria com as benzedoras mais antigas, segundo as quais as benzeduras eram basicamente ensinadas para filhos, netos e parentes, o que pode ser observado nesse estudo é a ocorrência de certa fragilidade na transmissão destes conhecimentos. Por outro lado, atualmente vem surgindo novas formas de prática de benzeduras sendo uma delas a formação de benzedoras através de cursos.

Como mencionado pelas benzedoras de religião, as benzeduras mais tradicionais, relacionadas ao catolicismo e que utilizam objetos como imagens, terço e crucifixo, vem sendo acrescidas e, em alguns casos, substituídas por práticas ligadas a outras religiões, como a umbanda e a terapias holísticas, como reiki e o sagrado feminino. Com isso, ao mesmo tempo que parece estar ocorrendo uma fragilidade na transmissão dos conhecimentos, está surgindo uma nova geração de benzedoras formadas através de cursos relacionados à fé que

praticam. O que se vê é um novo sincretismo religioso inserido nas práticas tradicionais dando origem a variadas linhas de benzeduras.

Apesar dessas mudanças, nos grupos de benzedeadas entrevistadas nesse trabalho é perceptível a prática de algumas rezas em comum. Contudo, as benzedeadas de religião possuem uma variedade muito maior de rezas e formas de se benzer, evidenciando a agregação de novas benzeduras nesse grupo.

Sobre as plantas medicinais utilizadas, foi possível observar que estas são de uso comum entre ambos os grupos, inclusive seus locais de coleta, e é visível a importância que essas plantas têm para elas, tanto para utilização nas benzeduras como para indicações de chás e banhos. As benzedeadas possuem papel importante na manutenção dos conhecimentos sobre as plantas medicinais pois, além de cultivar em suas casas, são pessoas que possuem vastos conhecimentos sobre suas formas de utilização e são sempre disponíveis a ensinar. Esse fato mostra a importância da comunicação dessas pessoas com outras benzedeadas e com a comunidade em geral para que haja garantia da transmissão desses saberes.

A fragilidade na transmissão dos saberes das benzedeadas pode acarretar na perda de informações importantes sobre os conhecimentos das rezas e dos modos de utilização de plantas utilizadas tanto para essas práticas quanto para uso medicinal. Sendo assim, seria importante a organização social das benzedeadas do município de Florianópolis de forma que possam buscar o fortalecimento da cultura das benzeduras e a garantia do direito de realizarem suas práticas tradicionais de cura, além de assegurar a preservação e continuidade desses grupos tradicionais.

## **6. DEVOLUTIVAS DO PROJETO**

Será realizada uma terceira visita, já aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH) através do número: 82427718.0.0000.0121 de 18/06/2018 (Anexo 1), na qual entregaremos um cartão convite para um encontro dos benzedores da região leste da Ilha de Santa Catarina, que será realizado no Horto Didático de Plantas Medicinais do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (HU/UFSC).

O objetivo do encontro é incentivar a união dos benzedores e a valorização desta prática popular promovendo um espaço de conversa e troca de experiências através do compartilhamento de ideias, discussões sobre dificuldades, preconceitos e conflitos

enfrentados relacionado às práticas das benzeduras. O encontro também visa incentivar a troca de saberes populares como rezas e plantas utilizadas, tanto nas benzeduras como medicinalmente, compartilhamento de mudas, entre outras práticas relacionadas às benzeduras.

O encontro será aberto à comunidade sendo divulgado previamente em redes sociais, postos de saúde e centros comunitários, atraindo assim a participação da comunidade em geral. Após a realização do primeiro encontro faremos a divulgação do evento em redes sociais e revistas locais, onde será possível divulgar o projeto visando atrair os demais benzedores de outras regiões do município de Florianópolis para novos encontros a serem realizados posteriormente. Para a realização de novos encontros, no primeiro estaremos estimulando a união dos próprios membros da comunidade presentes no encontro inicial, incentivando a criação de grupos de trabalho que possam se reunir e, coletivamente, desenvolver a organização dos eventos futuros.

Com a realização e a divulgação do primeiro encontro de benzedoras e a organização de novos encontros, será possível localizar outras benzedoras do município e, assim, estabelecer novas relações e o aumento das redes sociais. A organização social das benzedoras pode colaborar para uma futura organização formal deste grupo, objetivando a realização de encontros permanentes de troca de saberes, divulgação do uso de plantas medicinais, e reuniões com órgãos governamentais para debates e discussões sobre os direitos de realização das práticas de cura.

## **REFERÊNCIAS**

ALBERTASSE, P.D.; THOMAZ, L.D.; ANDRADE, M. Plantas medicinais e seus usos na comunidade da Barra do Jucu, Vila Velha, ES. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v.12, n.3, p.250-260, 2010.

ALMEIDA, A.W.B. **Conhecimentos Tradicionais e Mobilizações Políticas: O Direito de Afirmação da Identidade de Benzedoras e Benzedores, municípios de Rebouças e São João do Triunfo, Paraná**. Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, v. 1, n. 1, 2012.

AMOROZO, M. C. Medicina tradicional em Santo Antônio do Leverger, MT: a permanência de práticas antigas e o papel dos benzedores e suas habilidades. **Revista Saúde e Ambiente**, Cuiabá, v. 2, n. 1-2, 48-66, 1999.

ÁVILA, J. V. C. **Etnobotânica de plantas utilizadas como medicinais pelos benzedores nos municípios de Imbituba e Garopaba- SC – Brasil**. 2012. 104 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, [s.l.], v. 10, n. 2, p.141-163, nov. 1981. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/004912418101000205>.

BOING, L.; STANCIK, M. A. Benzedoras e benzimentos: Práticas e representações no município de Ivaiporã/PR (1990-2011). **Ateliê de História**, Ivaiporã, Pr, p.85-96, 2013.

CALDAS FILHO, R. **Oh! Que delícia de ilha**. 4. ed. Florianópolis: Paralelo 27, 1985. 136 p. (Crônicas Barriga Verde). Co-edição Ed. Lunardelli e Propague

CAVALLI-SFORZA, L. L.; FELDMAN, M.W.; CHEN K. H.; DORNBUSCH, S.M. Theory and observation in cultural transmission. **Science**, v. 218, n. 1, p.19-27, 1 dez. 1982.

CUNNINGHAM, A. B. **Applied Ethnobotany: People, wild plant use and conservation**. Usa: Earthscan, 2001.

CINTRÓN G.; SCHAEFFER-NOVELLI Y. **Introducción a la ecología del manglar. Oficina Regional de Ciencia y Tecnología de la Unesco para América Latina y el Caribe**, ROSTLAC, Montevideo, Uruguay, 1983. 109 p.

DIAS, L. G. **O poder na e da voz delas: benzedoras da Ilha de Florianópolis/SC**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

DIAS, L.G. **“O que é que eu côso”**: uma etnografia sobre benzedeadas e benzeduras da Lagoa da Conceição. 2009. TCC (Graduação) - Curso de Música, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p.177-190, 2004.

GELESKI, F. S. Benzedeadas na Ilha de Santa Catarina a partir da perspectiva de Oswaldo Rodrigues Cabral - **Revista Santa Catarina em História** - Florianópolis – UFSC - Brasil ISSN 1984-3968, v.8, n.1, 2014.

GILL, L.A. Benzedeadas em Pelotas (RS): entre o dom, a tradição e a religião. In: X ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2010, Pelotas. **Anais...** . Pelotas, 2010.

GOMES, N. P. M.; PEREIRA, E. A. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: Mazza Edições, 1989.

GOMIDE, M.; SCHUTZ, G. E. Análise de redes sociais e práticas avaliativas: desafios à vista. **Revista de Saúde Coletiva**, Leopoldina, Rj, v. 3, n. 25, p.819-842, jan. 2015

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. Velhas benzedeadas. **Revista de Ciências Sociais** - Londrina. v. 17 n. 2, Jul./Dez. 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Infográficos: dados gerais do município de Florianópolis - Santa Catarina**. Censo 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=420540>>. Acesso em: 3 set. 2017.

JESUS, R. J.; PEREIRA, A.; GÓIS, M. B.; LERA, K. R.; LIMA, L.; TARGINO, M.; TARGINO, A. N. ; PEREIRA, J. V.; PEREIRA, M. do S. Valorização do conhecimento dos benzedeadas do município de Nova Olinda, Paraíba a partir da utilização de fitoterápicos. **Mudi**, Olinda, v. 20, n. 2, p.21-32, jan. 2016.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª Edição. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.

MACIEL, M. & NETO, G.G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 54., 2006, Belém. **Anais...** Belém: Sbb, 2006. p. 61 - 77.

MAGALHÃES, S.M. de. **Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX**. 2004. 254 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103103>>.

MALUF, S.W. Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição: um estudo sobre representações de poder feminino na Ilha de Santa Catarina. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Florianópolis, Sc, 1992.

MARTELETO, R.M. Análises de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1: 71-81, 2001.

MOURA, Elen Cristina Dias de. Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. **Revista de Humanidades**: Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, v. 29, n. 11, p.340-369, jun. 2001.

OLIVEIRA, E. R. de. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, E.C.S.; TROVÃO, D.M.B.M. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista Brasileira de Biociências**, v.7, n.3: 245-251, 2009.

PMF, Prefeitura Municipal de Florianópolis. **História de Florianópolis**. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/index.php?cms=historia&menu=5&submenuid=571>>. Acesso em: 15 out. 2018.

PEREIRA, A. C. & CARDOSO, G. M. Patrimônio imaterial: mapeamento e registro da presença de benzedeiros e benzedoras no extremo sul catarinense: Arte, cultura e educação: identidade e memória. In: IV COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2016, Criciúma, SC. Disponível em:

<<http://www.unesc.net/portal/resources/files/595/PATRIMONIO%20IMATERIAL%20MAPEAMENTO%20E%20REGISTRO.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

PRELL, C.; BODIN, Ö. Social Networks and Natural Resource Management: Uncovering the Social Fabric of Environmental Governance. **Cambridge University Press**, New York, Usa, p.1-11, 2011. Disponível em:

<[http://assets.cambridge.org/97805217/66296/frontmatter/9780521766296\\_frontmatter.pdf](http://assets.cambridge.org/97805217/66296/frontmatter/9780521766296_frontmatter.pdf)>.

Acesso em: 5 out. 2017.

REFLORA. **Plantas do Brasil: Resgate Histórico e Herbário Virtual para o Conhecimento e Conservação da Flora Brasileira**. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

REYES-GARCÍA, V.; GALLOIS, S.; DEMPS, K. A Multistage Learning Model for Cultural Transmission: Evidence from Three Indigenous Societies. **Modern Humans Series**, Springer, Japan, v. 1, n. 1, p.1-1, jan. 2016. doi: 10.1007/978-4-431-55997-9\_4

SILVA, C.S. da. Rezadeiras: guardiãs da memória. **V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Faculdade de Comunicação, UFBA, 2009.

Disponível em: < <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf> > Acesso em: 03/11/2017.

SJABELSKI, R. S. **Plantas medicinais de uso popular no município de Major Vieira /SC**. 2013. 111 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Major Vieira, 2013

SOARES, M. S. Médicos e mezinheiros na corte imperial: uma herança colonial. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rj, v. 8, n. 2, p.407-438, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a06v08n2.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SOLDATI, G. T. **Produção, transmissão e estrutura do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais em três grupos sociais distintos: uma abordagem evolutiva**. 2013. 132 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Biológicas, Programa de Pós Graduação em Botânica, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2013.

SOUZA, B.M.G. Benzedura e mentalidade: sobrevivência de uma prática histórica acumulada. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. **Anais...** . João Pessoa: Anpuh, 2003.

VAZ, V. Memórias, histórias e fé: a trajetória de vida de mulheres benzedoras. In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2005, Londrina, Pr. **Anais...** . Londrina: Anpuh, 2005. p. 1 - 7.

WAECHTER, J.L. Spectos ecológicos da vegetação de restinga no Rio Grande do sul, Brasil. **Comunicações do Museu de Ciências da PUCRS**, série Botânica, Porto Alegre, Rs, v. 33, p.49-68, fev. 1985.

ZANK, S; HANAZAKI, N. Exploring the Links between Ethnobotany, Local Therapeutic Practices, and Protected Areas in Santa Catarina Coastline, Brazil. **Evidence-based Complementary And Alternative Medicine**, [s.l.], v. 2012, p.1-15, 2012. Hindawi Limited. <http://dx.doi.org/10.1155/2012/563570>.

ZANK, S; HANAZAKI, N. Healing faith: knowledge, learning and social relationships of healers from Araripe plateau, Brazil. **Ethnobiology And Conservation**, [s.l.], v. 5, n. 2016, p.1-15, 28 jun. 2016. Universidade Estadual da Paraíba/Universidade Federal Rural de Pernambuco (Ethnobiology and Conservation). <http://dx.doi.org/10.15451/ec2016-6-5.3-1-15>.

## ANEXOS

## Anexo 1. Certificado do Comitê de Ética de Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Benzedores do leste da Ilha de Santa Catarina: relações sociais e uso de plantas medicinais nas práticas de benzeduras.

**Pesquisador:** Sofia Zank

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 82427718.0.0000.0121

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Catarina

**Patrocinador Principal:** Universidade Federal de Santa Catarina

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.719.519

#### Apresentação do Projeto:

TCC de Silva, orientado por Zank, que pretende entrevistar 30 benzedores, recrutados na forma de bola de neve.

#### Objetivo da Pesquisa:

**Objetivo Primário:** Investigar o uso de plantas medicinais na prática da benzedura na região leste da Ilha de Santa Catarina, além de analisar as relações de reciprocidade e de troca de informações entre os benzedores. **Objetivo Secundário:** Investigar quais os tipos de doenças tratadas com benzeduras, e quais delas utilizam plantas medicinais; Levantar informações sobre as plantas medicinais utilizadas na prática das benzeduras (parte da planta, forma de obtenção, forma de uso); Realizar a análise de redes sociais de forma a identificar as relações de reciprocidade e de troca de informações sobre rezas e plantas utilizadas entre os benzedores; Realizar um primeiro Encontro de benzedores da região leste do município de Florianópolis.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequados e explicitados, particularmente no TCLE.

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentários adicionais.

#### Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Toda a documentação obrigatório está presente e satisfatória. O TCLE, em particular, está bem

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vítor Lima, nº 222, sala 401  
Bairro: Trindade CEP: 88.040-400  
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS  
Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 2.719.519

redigido, está esclarecedor sobre objetivos, procedimentos, riscos e direitos dos participantes, e contempla essencialmente todas as exigências da res. 466/12.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1053797.pdf	06/06/2018 11:21:34		Aceito
Outros	Carta_explicativa.pdf	06/06/2018 11:19:08	Sofia Zank	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_maio_8.pdf	30/05/2018 13:56:45	Sofia Zank	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_TCC_CamilaFabianaDaSilva.pdf	06/01/2018 17:20:41	Sofia Zank	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Assinada.pdf	06/01/2018 17:18:42	Sofia Zank	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

FLORIANOPOLIS, 18 de Junho de 2018

Assinado por:  
**Maria Luiza Bazzo**  
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R. Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
Bairro: Trindade CEP: 88.040-400  
UF: SC Município: FLORIANOPOLIS  
Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

## Anexo 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA

### **Termo de consentimento (autorização) para a realização de pesquisa.** **(O termo técnico é chamado de “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”)**

Meu nome é Camila Fabiana da Silva e sou estudante de graduação em ciências biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), localizada em Florianópolis-SC. Estou desenvolvendo meu trabalho de conclusão de curso sobre as plantas medicinais utilizadas nas benzeduras e sobre como ocorrem as trocas deste conhecimento entre os benzedores da região leste de Florianópolis. O nome do trabalho desenvolvido é: **“Benzedores do leste da ilha de Santa Catarina: relações sociais e o uso de plantas medicinais nas práticas de benzeduras.”** Além de mim, participam também deste trabalho a minha orientadora, **Sofia Zank**, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, pode acontecer de outros alunos da UFSC virem me ajudar na pesquisa.

**Este documento foi elaborado com a finalidade de explicar o que pretendemos fazer aqui. Ele segue as normas da resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012 que estabelece regras para a realização de pesquisas com seres humanos para garantir a devida proteção dos participantes da pesquisa.** Caso você concorde, pediremos para que você assine no final, aprovando sua participação voluntária no nosso trabalho, onde serão realizadas perguntas sobre a nossa pesquisa.

O que desejamos com este trabalho é compreender quais os tipos de doenças são tratadas com benzeduras, quais plantas medicinais são utilizadas, como vocês as conseguem e se os benzedores trocam informações sobre as rezas e/ou plantas medicinais. Para isso, iremos entrevistá-lo(a) e realizaremos coletas de algumas amostras das plantas, que serão levadas para o laboratório da universidade para serem identificadas. Você também será convidado(a) a participar do primeiro encontro de benzedores do leste da ilha de Florianópolis, que será realizado ao final deste trabalho. Sua participação no encontro não é obrigatória.

Este projeto foi aprovado por um comitê de ética em pesquisa com seres humanos, que visa garantir que a pesquisa seja realizada de forma ética e que você esteja ciente de todo processo, podendo escolher participar ou não da pesquisa. Desta forma, solicitamos sua autorização para a realização desta pesquisa e para isso pedimos que assine este documento no final, aprovando sua participação voluntária no nosso trabalho. Serão assinadas duas cópias deste documento, sendo que nós ficaremos com uma e você com a outra.

**Esclarecemos que a pesquisa não traz risco direto para você, mas pode ser que interfira na sua rotina. No caso de mudança na sua rotina que lhe traga algum tipo de**

**prejuízo, nós assumiremos os custos desse prejuízo. Por exemplo, se caso aconteça de você perder o ônibus que o leva ao trabalho por estar envolvido na entrevista, assumiremos o custo de um transporte alternativo, como o uso de carro próprio. Além disso, a realização da pesquisa pode tornar você mais conhecido nas comunidades, aumentando a procura para tratar os problemas de saúde da comunidade. Desta forma só será divulgado o seu nome dentro da comunidade caso você autorize. Ou seja, caso a realização das entrevistas gerem algum transtorno, nós buscaremos formas de minimizá-lo, garantindo que você não seja prejudicado.**

Usaremos as informações que aprendemos com você para divulgar a pesquisa e também poderemos utilizar em aulas, palestras e oficinas para outros alunos da universidade e para a sociedade em geral. Futuramente, gostaríamos de demonstrar os resultados do nosso trabalho em encontros com a comunidade onde você mora, ou de outra forma que você achar mais adequada. Com isso, também pode acontecer de você passar a ser mais conhecido nas comunidades, aumentando a procura de pessoas por você para tratar os problemas de saúde da comunidade. Desta forma só será divulgado o seu nome caso você autorize.

É importante dizer, também, que esta pesquisa pode trazer como benefício a valorização dos benzedores e uma maior interação entre vocês para garantir o direito que vocês tem de praticar benzeduras e para que este ofício seja reconhecido e valorizado.

Você poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo e se caso houver alguma informação que você prefira que não seja divulgada, nós não iremos divulgar. Garantimos a você total sigilo e privacidade neste trabalho.

Também gostaríamos de solicitar autorização realizar algumas fotos de você, e pedimos que marque abaixo o seu posicionamento: ( ) autorizo a realização de fotos;  
( ) não autorizo a realização de fotos.

Caso tenha alguma dúvida basta me perguntar, ou nos telefonar. Nosso telefone e endereço são: Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Centro de Ciências Biológicas/ Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina – Campus Trindade, Bloco C, Térreo, Sala 009, Florianópolis, SC 880010-970 - Fone: (48) 3721-9460. **Também deixo abaixo o endereço e meios de contato do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade, que é o órgão responsável por analisar o projeto e liberar a pesquisa. Prédio Reitoria II - R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis, SC 88.040-400 - Fone: (48) 3721-6094, e-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br**

**Pelo presente termo, atesto que estou ciente e que concordo com a realização do estudo.**

**Local:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Nome:** \_\_\_\_\_

**Assinatura do entrevistado:** \_\_\_\_\_

**Assinatura do entrevistador:** \_\_\_\_\_

### **Anexo 3. Entrevista 1 – Dados socioeconômicos e informações sobre a benzeduras e plantas medicinais**

Projeto:

Pesquisadora:

Nome do entrevistador: \_\_\_\_\_

Comunidade: \_\_\_\_\_

Número da entrevista \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Gênero: \_\_\_\_ 3. Idade: \_\_\_\_ 4. Religião: \_\_\_\_\_

4. Há quanto tempo mora aqui? \_\_\_\_\_

5. Ocupação/atividade: \_\_\_\_\_

6. Onde você costuma realizar as benzeduras? Você cobra por elas?

7. Como você aprendeu sobre as benzeduras? Com quem? Que idade você tinha?

8. Você ensinou para alguém? Quem? Por que ensinou?

9. Quais os casos em que você é mais procurado (a) para benzer?

10. Quais os tipos de doenças você trata com benzeduras? (Preencher na tabela 1)

11. Quais delas utilizam plantas medicinais? (Preencher na tabela 2 - lista livre)

12. Ocorreram mudanças na prática das benzeduras (número, procura, valorização...) ao longo do tempo?

13. Ocorreu mudança no uso de recursos medicinais ao longo do tempo? Ocorreu mudanças no acesso aos recursos medicinais?

14. Na sua opinião as benzedoras estão acabando? Por que? Já ouviu falar no surgimento de novas benzedoras?

15. Alguns cursos para formação de benzedores estão sendo realizados. O que acha sobre a formação de benzedoras através de um curso?

16. Quais são as principais doenças/enfermidades que afetam a comunidade? E antigamente?

17. Algum médico já indicou paciente para você benzer? Por que?

18. Indicação de outros especialistas.

**Anexo 4. Entrevista 1 – Listagem livre de rezas praticadas, descrição das doenças e recursos utilizados**

<b>Nº</b>	<b>Nome da doença ou da benzedura</b>	<b>Descrição da doença</b>	<b>Recursos utilizados (plantas, toalha, copo, etc.)</b>
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			



**Anexo 6. Entrevista 2 - Informações sobre troca de conhecimentos (redes sociais)**

Data: \_\_\_\_\_

1. Quais benzedores da foto você conhece?
2. Você já ensinou ou aprendeu alguma reza com outro benzedor? (Já trocaram informações sobre rezas?)
3. Você procura alguém para se benzer? Quem?
4. Você já levou alguém da sua família para se benzer com outro benzedor? Ou indicou algum?
5. Você já trocou informações sobre plantas medicinais com outros benzedores? Com quem?
6. Você já fez troca de mudas de plantas medicinais com outros benzedores? Com quem?
7. Você costuma receber ou doar mudas de plantas medicinais utilizadas nas benzeduras?